



Christian Business School

40 Rue Alexandre Dumas Acheminement 75011 PARIS

www.cbsead.com

Identifiant : 0756680D - ISNI 0000 0005 1674 7608

CHRISTIAN BUSINESS SCHOOL
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

RAFAELLA MONTENEGRO DO AMARAL COSTA

A EDUCAÇÃO EM MUSEU E A PINACOTECA UNIVERSITÁRIA DA UFAL
UM ESTUDO DE CASO PARA A PROPOSTA DE PLATAFORMA INTERATIVA
IMERSIVA



PARIS, 2026



Supervision: French Ministry of National Education (UAI célibataire
- License 0756680D - Académie: Paris) Address: 40 rue Alexandre
Dumas 75011 - PARIS ISNI 0000000489421281



State Registration: P19000015578 - Federal
Registry: EIN 38-4107942 5728 Major Blvd, Ste 530
Orlando, FL 32819 US - ISNI 0000000489421281



Christian Business School

40 Rue Alexandre Dumas Acheminement 75011 PARIS

www.cbsead.com

Identifiant : 0756680D - ISNI 0000 0005 1674 7608

RAFAELLA MONTENEGRO DO AMARAL COSTA

**A EDUCAÇÃO EM MUSEU E A PINACOTECA UNIVERSITÁRIA DA UFAL
UM ESTUDO DE CASO PARA A PROPOSTA DE PLATAFORMA INTERATIVA
IMERSIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ciências da Educação da CHRISTIAN BUSINESS SCHOOL, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ciências da Educação. Área de concentração: Educação.

Linha de pesquisa: Formação de professores e práticas pedagógicas.

Orientador (a): Profa. Dra. Rozineide Iraci Pereira da Silva

EDISCERE, SCIRE ET VINCERE

PARIS, 2026



Christian Business School

40 Rue Alexandre Dumas Acheminement 75011 PARIS

www.cbsead.com

Identifiant : 0756680D - ISNI 0000 0005 1674 7608



40 Rue Alexandre Dumas Acheminement 75011 PARIS
Identifiant: 0756680D - ISNI 0000 0005 1674 7608

Costa, Rafaella Montenegro Do Amaral.

A Educação em Museu e a Pinacoteca Universitária da UFAL um Estudo de Caso para a Proposta de Plataforma Interativa Imersiva. Rafaella Montenegro Do Amaral Costa/ Christian Business School, Paris, 2026.

108f

Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Christian Business School, Paris, 2026.

1. Educação em museu. 2. Pinacoteca Universitária da UFAL. 3. Inovação. 4. Acessibilidade. I. Silva, Rozineide Iraci Pereira da. orient. II. Christian Business School. III. A Educação em Museu e a Pinacoteca Universitária da UFAL um Estudo de Caso para a Proposta de Plataforma Interativa Imersiva.

Paris/FR/Biblioteca CBS

Elaborado por Miriam Portela Wanderley de Medeiros – CRB-4/1183



Christian Business School

40 Rue Alexandre Dumas Acheminement 75011 PARIS

www.cbsead.com

Identifiant : 0756680D - ISNI 0000 0005 1674 7608

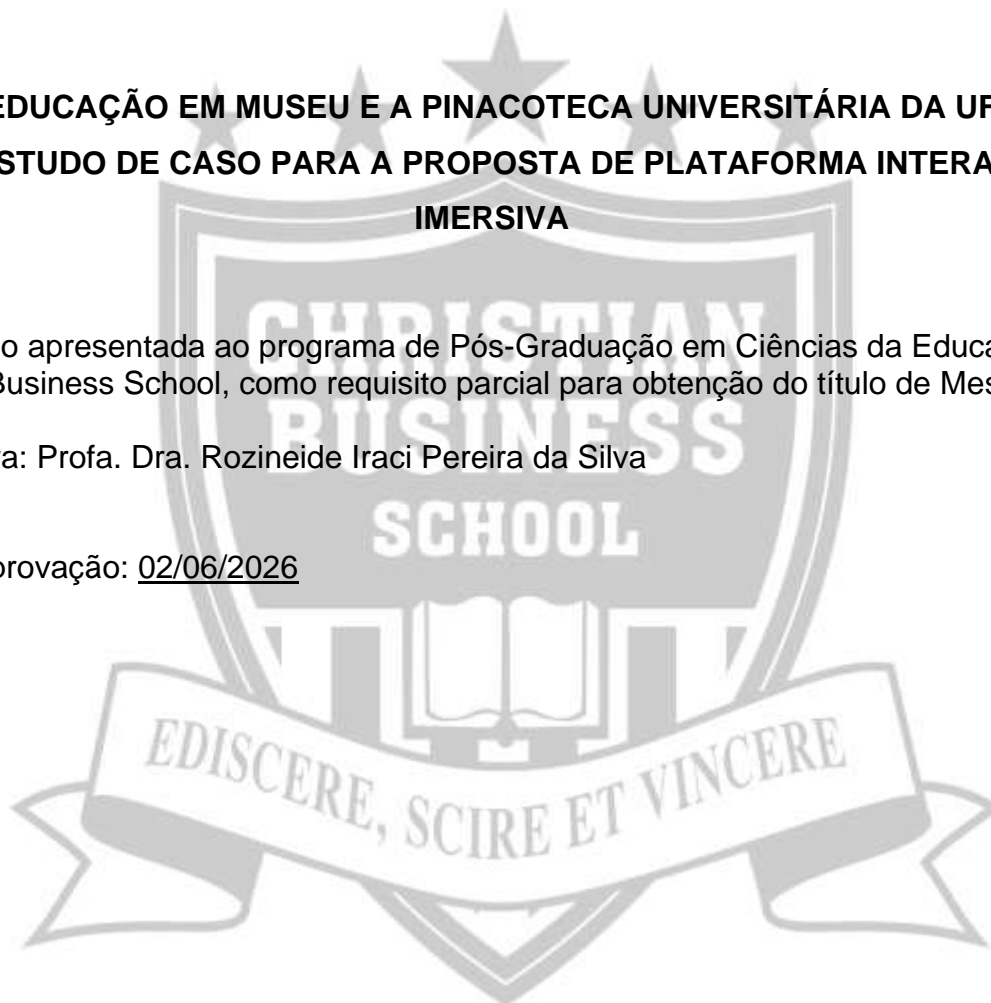
RAFAELLA MONTENEGRO DO AMARAL COSTA

**A EDUCAÇÃO EM MUSEU E A PINACOTECA UNIVERSITÁRIA DA UFAL
UM ESTUDO DE CASO PARA A PROPOSTA DE PLATAFORMA INTERATIVA
IMERSIVA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Christian Business School, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Rozineide Iraci Pereira da Silva

Data de aprovação: 02/06/2026



Rozineide Iraci Pereira da Silva

Dra. Rozineide Iraci Pereira da Silva
Orientadora

Elton Gomes dos Reis

Dr. Elton Gomes dos Reis

Nilton Soares Formiga

Dr. Nilton Soares Formiga

PARIS, 2026



Supervision: French Ministry of National Education (UAI célibataire
- License 0756680D - Académie: Paris) Address: 40 rue Alexandre
Dumas 75011 - PARIS ISNI 0000000489421281



State Registration: P19000015578 - Federal
Registry: EIN 38-4107942 5728 Major Blvd, Ste 530
Orlando, FL 32819 US - ISNI 0000000489421281

Dedico

A Deus, pela luz e pela força que me sustentaram em cada etapa desta caminhada.

Ao meu esposo e à minha filha, pelo carinho, compreensão e apoio incansável, que tornaram possível a concretização deste sonho.

À Pinacoteca da UFAL, instituição da qual tenho orgulho em fazer parte, com o desejo de que este trabalho contribua para o enriquecimento de seu acervo e sirva de referência para futuras pesquisas.

A todos que, de forma direta ou indireta, estiveram presentes nesta trajetória, expresso minha gratidão e reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Dra. Rozineide Iraci Pereira da Silva, pela orientação firme e generosa, pelas sugestões sempre pertinentes e pelas ideias valiosas que foram fundamentais para a construção bem-sucedida desta dissertação.

Aos servidores da Pinacoteca e à designer Janaína Araújo, que acompanharam de perto o processo de elaboração deste trabalho, contribuindo com apoio, reflexões e direcionamentos que enriqueceram minha trajetória acadêmica.

Aos colegas do mestrado, pela parceria, pelas trocas de experiências e pelo companheirismo que tornaram esta caminhada mais leve e enriquecedora.

E, por fim, aos amigos e familiares, cuja torcida constante, incentivo e presença foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

Obrigada!

RESUMO

Esta dissertação fomenta novas discussões sobre o estudo de caso da Pinacoteca Universitária da UFAL aborda a gama de desafios relacionados à visibilidade de acervo e à construção de vínculos com a comunidade, considerando o cenário da educação em museus nacional e regional. A Pinacoteca Universitária da UFAL ficou fechada de 2019 até a previsão de reabertura em 2026 e a ausência de estratégias eficazes, com a proposta de experiências imersivas, interativas e acessíveis, limitaram o potencial do museu como espaço de aprendizagem, comprometendo a difusão de arte e cultura, reduzindo oportunidades de engajamento da proposta da instituição com diferentes públicos. O objetivo geral da presente pesquisa foi Investigar de que forma as tecnologias digitais imersivas podem fortalecer a função educativa para a ampliação da visibilidade da Pinacoteca Universitária da UFAL. Portanto, foi necessário diagnosticar os fatores que limitam a visibilidade do acervo e do engajamento do público; estipular proposta para o desenvolvimento de uma plataforma digital interativa que possa promover experiências de aprendizado e a curadoria virtual do acervo; e avaliar o impacto da proposta da plataforma de acordo com as necessidades e expectativas dos indivíduos que fazem parte do público-alvo. Foi utilizado no percurso metodológico os procedimentos bibliográfico, documental e estudo de caso com uma abordagem qualitativa e quantitativa de natureza básica com os objetivos exploratório e investigativo. Conforme resultados obtidos através da aplicação de questionário com a colaboração de 107 participantes; análise comparativa entre as características museológicas entre a Pinacoteca Universitária da UFAL e o Centro de Cultura e Memória, ambos em Maceió, Alagoas; e a contribuição de entrevista do diretor da instituição, Victor Sarmiento Souto; foi possível construir um quadro de diretrizes que podem nortear a construção de uma plataforma interativa e imersiva para a Pinacoteca Universitária da UFAL. As considerações apontou que é do interesse não apenas da comunidade universitária, mas também da sociedade de modo geral, considerando a etnicidade e as manifestações artísticas de um povo que advém de uma região em que ainda não existe nenhum circuito de visita aos museus, ou programação oficial preparada para visitantes de modo que a rede hoteleira da cidade está focada no litoral e no entretenimento através de visitas a pontos de difusão do artesanato, mas não da memória e do patrimônio local.

Palavras-chave: Educação em museu, Pinacoteca Universitária da UFAL, Inovação, Acessibilidade.

ABSTRACT

This dissertation fosters new discussions on the case study of the UFAL University Art Gallery, addressing the range of challenges related to the visibility of its collection and the building of links with the community, considering the national and regional museum education scenario. The UFAL University Art Gallery was closed from 2019 until its planned reopening in 2026, and the absence of effective strategies, with the proposal of immersive, interactive, and accessible experiences, limited the museum's potential as a learning space, compromising the dissemination of art and culture and reducing opportunities for engagement with the institution's proposal with different audiences. The general objective of this research was to investigate how immersive digital technologies can strengthen the educational function to increase the visibility of the UFAL University Art Gallery. Therefore, it was necessary to diagnose the factors that limit the visibility of the collection and public engagement; to stipulate a proposal for the development of an interactive digital platform that can promote learning experiences and the virtual curation of the collection; and to evaluate the impact of the proposed platform according to the needs and expectations of the individuals who are part of the target audience. The methodological approach used bibliographic, documentary, and case study procedures with a basic qualitative and quantitative approach, with exploratory and investigative objectives. Based on the results obtained through the application of a questionnaire with the collaboration of 107 participants; a comparative analysis between the museological characteristics of the UFAL University Art Gallery and the Center for Culture and Memory, both in Maceió, Alagoas; and the contribution of an interview with the institution's director, Victor Sarmiento Souto; it was possible to construct a framework of guidelines that can guide the construction of an interactive and immersive platform for the UFAL University Art Gallery. The considerations pointed out that it is in the interest not only of the university community, but also of society in general, considering the ethnicity and artistic expressions of a people who come from a region where there is still no circuit for visiting museums, or official program prepared for visitors, so that the city's hotel network is focused on the coast and entertainment through visits to points of dissemination of handicrafts, but not on the memory and local heritage.

Keywords: Museum education, Pinacoteca Universitária da UFAL, Innovation, Accessibility.

LISTA DE SIGLAS/ABREVIATURAS

| | |
|-------------|---|
| ICOM | Conselho Internacional de Museus |
| IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| UFAL | Universidade Federal de Alagoas |
| CNM | Cadastro Nacional de Museus |
| Ibram | Instituto Brasileiro dos Museus |
| UNEAL | Universidade Estadual de Alagoas |
| MUPA | Museu Palácio Floriano Peixoto |
| PROEXC-UFAL | Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Alagoas |
| MISA | Museu da Imagem e do Som de Alagoas |
| FUNTED | Fundação Teatro Deodoro |
| SECULT | Secretaria de Estado da Cultura |
| MàR | Memorial à República |
| MTV | Memorial Teotônio Vilela |
| MAPC | Museu de Arte Sacra Pierre Chalita |
| MTB | Museu Théo Brandão |
| CCM | Centro de Cultura e Memória |
| MUCOM | Museu do Comércio de Alagoas |
| TRE-AL | Tribunal Regional Eleitoral de Alagoas |
| PMAL | Polícia Militar do Estado de Alagoas |
| IHGAL | Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas |
| HUPAA/UFAL | Hospital Universitário Professor Alberto Antunes |
| SAM | Sistema Alagoano de Museus |
| OMT | Organização Mundial do Turismo |
| ICOMOS | Conselho Internacional de Monumentos e Sítios |
| TIC | Tecnologias da Informação e Comunicação |
| LGPD | Lei Geral de Proteção de Dados |
| PCD | Pessoa com deficiência |
| VR | Realidade Virtual |

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 1 - | Fotografia do centro histórico de Penedo, Alagoas..... | 25 |
| Figura 2 - | Fotografia de uma das praças de Marechal Deodoro, Alagoas..... | 25 |
| Figura 3 - | Fotografia aérea do município de Piranhas, Alagoas..... | 26 |
| Figura 4 - | Mapa da disposição de instituições museais em Alagoas..... | 39 |
| Figura 5 - | Fotografia do Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas..... | 40 |
| Figura 6 - | Fotografia interna do Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas..... | 40 |
| Figura 7 - | Fotografia do Museu Théo Brandão em Maceió, Alagoas..... | 42 |
| Figura 8 - | Fotografia do Espaço Cultural Universitário Prof. Salomão A. de Barros Lima, em Maceió, Alagoas..... | 43 |
| Figura 9 - | Fotografia do material impresso de divulgação da exposição Vozes (1988) na Pinacoteca da UFAL..... | 44 |
| Figura 10 - | Fotografia da exposição Olhar Alagoas: Arte Contemporânea (1999) na Pinacoteca da UFAL..... | 45 |
| Figura 11 - | Fotografia da exposição Barro Oco (2001) na Pinacoteca da UFAL..... | 46 |
| Figura 12 - | Fotografia da exposição Jardim Suspenso (2017) na Pinacoteca da UFAL..... | 46 |
| Figura 13 - | Imagem da proposta em modelagem 3d para a nova Pinacoteca da UFAL, no Espaço Cultural..... | 48 |
| Figura 14 - | Imagem da entrada da Pinacoteca na proposta em modelagem 3d para a nova Pinacoteca da UFAL, no Espaço Cultural..... | 49 |

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 15 - | Imagem do espaço da Exposição Permanente na proposta em modelagem 3d para a nova Pinacoteca da UFAL, no Espaço Cultural..... | 50 |
| Figura 16 - | Imagem do espaço da Reserva Técnica na proposta em modelagem 3d para a nova Pinacoteca da UFAL, no Espaço Cultural..... | 50 |
| Figura 17 - | Imagem da Área Administrativa na proposta em modelagem 3d para a nova Pinacoteca da UFAL, no Espaço Cultural..... | 51 |
| Figura 18 - | Fotografia aérea do litoral da cidade de Maceió, Alagoas..... | 53 |
| Figura 19 - | Fotografia da roda gigante, na cidade de Maceió, AL..... | 54 |
| Figura 20 - | Fotografia do acervo da história da escrita, disposto no Centro de Cultura e Memória do Tribunal de Justiça de Alagoas, em Maceió, Alagoas..... | 57 |
| Figura 21 - | Fotografia do interior do museu Exploratorium, em São Francisco, nos Estados Unidos da América..... | 59 |
| Figura 22 - | Museu Catavento em São Paulo, no estado de São Paulo..... | 61 |
| Figura 23 - | Exposição Aventura no Sistema Solar no Museu Catavento em São Paulo, no estado de São Paulo..... | 62 |
| Figura 24 - | Museu da Gente Sergipana, em Aracaju, Sergipe..... | 63 |
| Figura 25 - | Seção Seu Cordel, no Museu da Gente Sergipana, em Aracaju, Sergipe..... | 63 |
| Figura 26 - | Qual a sua faixa etária, gênero e nível de escolaridade..... | 73 |
| Figura 27 - | Dados da demografia geográfica e acessibilidade dos participantes..... | 74 |
| Figura 28 - | Dados sobre a frequência de visitas dos participantes a museus..... | 75 |
| Figura 29 - | Dados sobre a tipologia de museus que os participantes preferem..... | 77 |

| | | |
|-------------|---|----|
| Figura 30 - | Dados sobre o conhecimento prévio dos participantes sobre a Pinacoteca Universitária da UFAL..... | 83 |
| Figura 31 - | Dados sobre os museus possivelmente visitados pelos 107 participantes do questionário aplicado..... | 84 |
| Figura 32 - | Imagem retirada da exposição de acesso virtual disponibilizada pelo próprio Centro de Cultura e Memória de Alagoas..... | 86 |
| Figura 33 - | Aplicativo do Centro da Cultura e Memória do Tribunal de Justiça de Alagoas..... | 88 |
| Figura 34 - | Fotografia apresentando como a Realidade Virtual, VR, é utilizada por headset em visitante no Centro da Cultura e Memória..... | 89 |
| Figura 35 - | Foto da visita técnica realizada pela autora ao Centro da Cultura e Memória, evidenciando a estrutura de exposição dos itens do acervo do espaço..... | 90 |
| Figura 36 - | Foto da visita técnica realizada pela autora ao Centro da Cultura e Memória, evidenciando a estrutura dos totens digitais..... | 91 |
| Figura 37 - | Figura representando a Estrutura dos Pilares Estratégicos: Inovação, Superação de Limites e contextualização..... | 96 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|----------|---|----|
| Quadro 1 | Museus catalogados em Alagoas, levantamento em 2026..... | 27 |
| Quadro 2 | Análise comparativa entre a Pinacoteca Universitária da UFAL e o Centro da Cultura e Memória..... | 91 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1. INTRODUÇÃO..... | 15 |
| 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 21 |
| 2.1. Educação patrimonial | 21 |
| 2.2. O que é a Pinacoteca | 41 |
| 2.3. Turismo em Alagoas..... | 51 |
| 2.4. Plataformas digitais interativas de equipamentos culturais | 58 |
| 2.5. Os desafios e tendências no Brasil diante da inovação e da acessibilidade das plataformas digitais interativas | 64 |
| 3. METODOLOGIA..... | 68 |
| 3.1. Descrição das etapas..... | 69 |
| 3.2. Análise qualitativa e quantitativa | 69 |
| 3.3. Análise comparativa | 70 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO..... | 72 |
| 4.1. Perfil do público alvo..... | 72 |
| 4.2. Consumo de conteúdo e visitas a museus..... | 74 |
| 4.3. Conhecimento sobre a Pinacoteca Universitária da UFAL..... | 82 |
| 4.4. A Pinacoteca e o Centro da Cultura e Memória | 84 |
| 4.5. Entrevista com o Diretor da Pinacoteca (2024-atual)..... | 92 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 98 |
| REFERÊNCIAS..... | 101 |
| APÊNDICES..... | 104 |

1. INTRODUÇÃO

Com o progresso tecnológico, a produção, a disseminação e o acesso ao conhecimento e à informação mudaram bastante. A tecnologia está cada vez mais presente no dia a dia, mudando comportamentos e incentivando novas práticas de comunicação. Assim, as organizações precisam se adaptar à rapidez da era digital, entrando em uma corrida tecnológica. Essa mudança também é perceptível nos espaços culturais, como os museus. Em um cenário mais contemporâneo, os sujeitos buscam mais do que apenas conhecer o lugar ou sua história; eles desejam experiências interativas e divertidas (Soares, 2025).

Ainda de acordo com Soares (2025), os museus, como importantes divulgadores culturais, são mediadores de um saber antigo e auxiliam de forma significativa no desenvolvimento da sociedade e na formação da identidade cultural, usando memórias coletivas para contar histórias e proteger bens do passado. É importante também enfatizar que esses espaços conseguem ser atrativos para turistas, o que ajuda a promover e valorizar o patrimônio e a cultura local.

De modo geral, as experiências oferecidas pelos museus contemporâneos estão diretamente relacionadas à presença e à variedade de instrumentos tecnológicos, associadas aos saberes da memória social no âmbito do patrimônio cultural. Esse fenômeno ocorre porque, desde o início dos anos 2000, observa-se o crescimento e fortalecimento do uso das tecnologias digitais no cotidiano da sociedade, o que também pode ser compreendido como o surgimento de uma cibercultura (Lisboa, 2019). Neste contexto, os museus passaram e passam por mudanças e ajustes visando alcançar ao público, contemplando o olhar de novas e antigas gerações. Desta forma, novos projetos passam a ser elaborados visando a adaptação do ambiente convencional analógico para alternativas correspondentes digitais.

O conceito de museu transformou-se ao longo dos séculos a fim de acompanhar as mudanças socioculturais da organização humana. Para entendê-lo, é necessário considerar suas origens, tipologias e institucionalização. *Musēum* (Cf. Equipe editorial de Conceito, 2013), do latim, trata-se de um espaço de guarda e exposição de objetos de interesse artístico, cultural, científico ou histórico, motivado pela necessidade humana de preservar o que possui valor.



Segundo Silva (2024), em 2019, durante a 25ª Assembleia Geral do ICOM (Conselho Internacional de Museus) em Kyoto, foi adotado o que os pesquisadores chamaram de “nova definição de museu”. Esta definição foi adotada para refletir uma visão mais inclusiva e atual, compreendendo museus como espaços democráticos, inclusivos e polifônicos. Museus são, portanto, espaços de diálogo crítico sobre o passado e o futuro; neles, a sociedade é estimulada a reconhecer e abordar controvérsias e desafios do presente. Segundo o autor, esta nova definição de museu considera estes espaços como ambientes que preservam coleções para a sociedade, garantindo a diversidade e igualdade de acesso ao patrimônio, tanto para gerações presentes quanto futuras.

Os museus, segundo Soares (2025), também são instituições culturais de grande êxito em nosso tempo, dedicadas à arte, às ciências e/ou à história. As coleções e exposições organizadas no ambiente museal atraem e atendem a um número cada vez maior de pessoas em todo o mundo. Cumprindo função essencial na proteção e difusão do patrimônio cultural, espaços como a Pinacoteca Universitária da UFAL oferecem aos visitantes a chance de interagir diretamente com peças que remetem a distintos períodos e manifestações históricas, sejam elas antigas ou contemporâneas.

Assim, ao mesmo tempo que preservam memórias e bens do passado, os museus também são locais de experimentação e diálogo com produções artísticas do presente. A arte contemporânea ganha importância ao expandir a função do museu, aproximando o público de novas formas de expressão e exames críticos sobre a realidade que vivenciam.

Segundo Mathias (2015), a arte contemporânea nos museus assume um papel primordial, com foco nas práticas artísticas produzidas no presente, caracterizadas pela dependência do objeto e pelo questionamento da autoria. Esta abordagem crítica amplia as oportunidades de análise e vivência estética, considerando que o objeto material como obra de arte divide sua posição com ideias, performances, registros fotográficos, videográficos, projetos e/ou intervenções, entre outras alternativas de exposição e manifestações culturais.

Neste contexto, a Pinacoteca Universitária da UFAL, fechada desde 2019 e com reabertura prevista para 2026, passou pelo enfrentamento de obstáculos relacionados a sua própria capacidade de visibilidade e engajamento, tanto com o público local quanto com os turistas. Embora a Pinacoteca Universitária da UFAL

possua acervo de grande valor cultural e artístico para o cenário alagoano, sua exploração, em termos educativos, permanece limitada, comprometendo o desenvolvimento de experiências de aprendizagem não formal, no que tange a discussão crítica e a troca de experiências ao contemplar o acervo da instituição e o contexto por trás de sua criação. É urgente, portanto, o planejamento de estratégias que transcendam o espaço físico e ampliem o acesso ao acervo em um ambiente alternativo, como é o digital.

Segundo Bargmann Netto (2023), as mudanças tecnológicas e a crescente presença da sociedade no universo digital evidenciam a necessidade de adaptação das práticas culturais e educativas. O fechamento temporário de museus, por exemplo, limita o acesso presencial, mas a digitalização de seus acervos possibilita que o público continue a interagir com estes, mantendo ativas as funções educativas e culturais. Deste modo, a adoção de plataformas digitais surge como alternativa para ampliar o acesso às obras e integrar diferentes públicos à proposta de exposição do conteúdo dos museus.

De acordo com o que afirmam Silva e Esteves (2024), museus que adotam ferramentas digitais como aplicativos, exposições virtuais e plataformas interativas ampliam significativamente seu alcance, superando barreiras físicas e geográficas. Os autores também destacam que, além de favorecer a acessibilidade, tais recursos podem agregar legendas, audiodescrição e interfaces adaptativas, garantindo a inclusão de públicos com diferentes necessidades. Desta forma, versões digitais de exposições e museus fortalecem, não apenas a dimensão cultural da experiência dos indivíduos, mas também a função educativa das instituições.

Silva (2024) aponta que a ausência de um planejamento para a adaptação ao digital bem elaborado limita a participação dos indivíduos no processo, e reduz as chances de aprendizagem que os museus podem oferecer, ao não proporcionar experiências acessíveis a todos. Segundo o autor, as formas tradicionais de interação, focadas unicamente em visitas físicas, não atendem mais às necessidades de acesso facilitado, experiências interativas, conteúdos personalizados e maior envolvimento do público com o acervo e a experiência cultural.

Desta maneira, pode-se considerar que a adoção de soluções digitais é essencial para ampliar o alcance das instituições, como a Pinacoteca Universitária



da UFAL, incentivando a inclusão e a democratização do acesso ao patrimônio cultural, fortalecendo o papel educativo e social desta.

De acordo com Fernandes (2023), com o avanço das tecnologias digitais, os museus enfrentam a necessidade de se adaptar às novas demandas do público. Conforme afirma o autor, o uso de tecnologias como visitas virtuais em 3D, realidade aumentada e aplicativos móveis tornaram-se alternativas cada vez mais viáveis para a criação de experiências interativas e imersivas. Essas ferramentas não apenas incentivam a curiosidade e o aprendizado, mas também fortalecem o papel educativo do museu, permitindo que os visitantes interajam com o acervo de uma maneira inovadora. Segundo Fernandes (2023), a implementação de tecnologias digitais é essencial para garantir que os museus permaneçam relevantes e acessíveis na era digital.

Corroborando com o pensamento apresentado, Silva e Esteves (2024) destacam que, no campo da educação, o uso de ferramentas digitais nos museus exige planejamento cuidadoso e seleção apropriada dos recursos para que a experiência educativa seja eficaz e significativa. De acordo com os autores, a relação entre as tecnologias e as atividades museológicas deve considerar objetivos claros de ensino e promover aprendizagens que envolvam diferentes perfis de visitantes. Além disso, a implementação de plataformas digitais deve considerar o aumento do engajamento do público, estimulando a interação, curiosidade e fortalecimento do papel social e educativo dos museus.

Andrade (2022) também chama a atenção da comunidade de pesquisadores no campo da educação patrimonial para o fato de museus que investem em plataformas interativas são capazes de aumentar o tempo de engajamento e interação do público com o acervo. Este processo, portanto, auxilia os museus a consolidarem seu papel enquanto lugar de inovação para o ensino-aprendizagem, oferecendo valor a novas experiências culturais proporcionadas pelos acervos dos museus.

No caso da Pinacoteca Universitária da UFAL, criar uma plataforma interativa é a possibilidade de oferecer uma nova forma de experienciar o acervo desta, estimulando o público a conhecer e visitá-la; assim como também proporcionar novos tipos de acesso, considerando as limitações físicas e comportamentais que o público pode apresentar.

A hipótese apresentada pela presente investigação propõe que a criação de uma plataforma interativa imersiva pode proporcionar alternativa para o problema de carência da educação em museu da Pinacoteca Universitária da UFAL com a sociedade alagoana e brasileira, considerando não apenas usuários locais, mas também o público de turistas que não reside em Alagoas.

Como foi possível observar através das considerações dos autores apresentados, o desenvolvimento de uma plataforma digital interativa e imersiva, baseada em princípios da educação em museu, pode ampliar o acesso, a participação e o engajamento do público com o museu. Desse modo, a questão que buscou-se responder é se a proposta de criação de uma plataforma assim pode ser capaz de fortalecer o papel educativo, social e cultural na Pinacoteca Universitária da UFAL, promovendo experiências inclusivas, interativas e significativas para diferentes perfis de visitantes.

A Pinacoteca Universitária da UFAL enfrenta desafios quanto à visibilidade de seu acervo e à construção de vínculos com a comunidade, tanto local quanto nacionalmente. O período no qual o espaço ficou fechado, de 2019 até a previsão de reabertura em 2026; e a ausência de estratégias eficazes, com a proposta de experiências imersivas, interativas e acessíveis, limitaram o potencial do museu como espaço de aprendizagem, comprometendo a difusão de arte e cultura, reduzindo oportunidades de engajamento do mesmo com diferentes públicos.

De acordo com o contexto apresentado, a proposta de uma plataforma digital interativa através da Pinacoteca Universitária da UFAL, baseada em princípios de educação em museu digital, acessibilidade e mediação centrada no visitante, pode ampliar o acesso ao acervo e fortalecer o engajamento de públicos diversos.

Espera-se, portanto, ao oferecer experiências personalizadas e participativas, que os visitantes possam assumir papel ativo na construção do conhecimento, tornando-se receptores e coprodutores da experiência educativa.

O objetivo geral da presente pesquisa foi Investigar de que forma as tecnologias digitais imersivas podem fortalecer a função educativa para a ampliação da visibilidade da Pinacoteca Universitária da UFAL. Os objetivos específicos foram:

- Diagnosticar os fatores que limitam a visibilidade do acervo e o engajamento do público com a Pinacoteca Universitária da UFAL;



- Propor o desenvolvimento de uma plataforma digital interativa que possa promover experiências de aprendizado e a curadoria virtual do acervo da Pinacoteca Universitária da UFAL;
- Avaliar o impacto da proposta da plataforma de acordo com as necessidades e expectativas dos indivíduos que fazem parte do público-alvo da Pinacoteca Universitária da UFAL.

A permanência do acesso à informação, à cultura e ao entretenimento oferecido por espaços como museus, em Alagoas, especificamente na capital, é um problema que todos os equipamentos culturais da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) enfrentam. Ao tratarmos pontualmente dos aspectos que permeiam este acesso de modo prático, como a infraestrutura oferecida pelo local, acessibilidade para diferentes públicos e condições de guarda e manutenção do acervo, é compreensível que a procura por estes espaços, tanto pelo público local quanto por turistas, seja escassa.

É diante de tais condições que a presente pesquisa está inserida. À procura de soluções que considerem o melhor custo-benefício para estes espaços do poder público, busca-se criar a proposta de um espaço virtual que possa tornar o acervo da Pinacoteca Universitária da UFAL e informações sobre ele salvas e acessíveis para todos os públicos; além de ser uma oportunidade de melhorar a qualidade deste acesso, tornando-o passível de interação e feedback, promovendo o engajamento dos visitantes com o espaço.



2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Educação patrimonial

A fim de melhor compreender a relevância dos museus e de seus acervos, como é o caso da Pinacoteca Universitária da UFAL, faz-se necessário, primeiro, entender o que é a educação patrimonial.

Em 1983, o termo “educação patrimonial” foi apresentado durante o 1º *Seminário sobre o uso Educacional de Museus e Monumentos*, realizado no Brasil. Entre as décadas de 80 e 90, o método de reconhecimento sobre a educação patrimonial foi incorporado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A educação patrimonial foi, posteriormente, difundida pelo país, orientando trabalhos e pesquisas inicialmente nos campos de estudos e preservação ambiental, assim como na arqueologia.

O conceito de educação patrimonial compreende o conjunto de ações que tem por objetivo valorizar, proteger e promover o patrimônio cultural, material e imaterial; assim como atuar na formação de consciência crítica a fim de enfatizar sua importância.

Segundo Carvalho (2005), a educação patrimonial corresponde a uma das formas mais eficazes para preservar o patrimônio. Tal afirmação é possível, pois é a educação patrimonial, segundo o autor, que é capaz de promover a compreensão da importância do patrimônio para a sociedade.

A educação patrimonial trata-se de uma forma de conscientização e monitoramento da sociedade no que tange à preservação do patrimônio cultural. Este, por sua vez, corresponde a um bem coletivo, sendo também um direito de todos. A educação patrimonial, portanto, pode ser feita em espaços distintos: desde escolas a museus, bibliotecas e outros.

Também compreendida como uma forma de alfabetização cultural, a educação patrimonial é capaz de incentivar sujeitos a realizarem interpretações do mundo no qual estão inseridos, estimulando-os a melhor compreender o cenário social e cultural, assim como o contexto histórico no qual estão inseridos.

De acordo com Gazzóla (2009), é o trabalho da educação patrimonial buscar atender toda a comunidade, através de um processo ativo de conhecimento e valorização da herança cultural desta. A educação patrimonial, de acordo com o autor, parte do contato direto entre os sujeitos e as manifestações culturais,



promovendo o melhor uso destas, contemplando a produção de novos conhecimentos. Portanto, faz-se promover também a preservação da memória cultural do povo, considerando que a compreensão sobre o que é patrimônio é essencial para a formação da identidade do povo. A preservação do compromisso social entre o povo e seu respectivo patrimônio cultural também é passível de auxiliar na manutenção de bens locais.

Segundo Costa, Santos e Cutrim (2019), a educação patrimonial pode ser utilizada como indicativo para o reconhecimento de bens patrimoniais e seus respectivos valores. No entanto, os autores destacam que o maior obstáculo no cenário da educação patrimonial é o desenvolvimento de atividades passíveis de correlacionarem o que é estabelecido em teoria com a prática vivenciada pelo povo. Planejar atividades educativas que possam auxiliar na transmissão do legado histórico patrimonial, facilitando sua compreensão pelo povo, não é uma tarefa simples, considerando a diversidade de sujeitos e o recorte do contexto temporal e sociocultural destes. No contexto contemporâneo, em que a inovação tecnológica está inserida cada vez mais no cotidiano da população, pensar em integrar novas formas de transmissão de conhecimento patrimonial é essencial para a manutenção da valorização dos acervos, material e imaterial, presentes em espaços como a Pinacoteca Universitária da UFAL.

De acordo com Horta (2017), no processo educativo, há o objetivo de transmitir aos alunos a prática de utilizarem suas respectivas capacidades intelectuais a fim de adquirir habilidades e conceitos práticos, aplicados no contexto de vida deles. Considerando a educação patrimonial, este processo de ensino-aprendizagem trata de instigar situações que estimulam o processo cultural e suas manifestações, despertando nos sujeitos o interesse para a resolução de questões importantes para estes. Neste contexto, a metodologia específica utilizada para a educação patrimonial pode ser aplicada considerando as manifestações culturais e/ou evidências materiais, expressões que são resultado da relação entre o povo e o meio ambiente que habitam. Estas manifestações e evidências podem ser um conjunto de objetos ou bens, paisagens naturais, parques, modos de fazer e saberes populares, entre outras formas de propagação cultural.

Ainda segundo os autores acima citados, a aplicação de metodologia adequada para a investigação do processo de descobrimento sobre a realidade cultural de certo espaço é capaz de facilitar a percepção e o entendimento acerca

dos fatos e fenômenos referentes a este. É necessário, portanto, saber interpretar tais objetos e fenômenos culturais a fim de compreender melhor o mundo no qual se vive. Trata-se da interpretação do significado, do artístico e simbólico, sobre a compreensão da expressão do conteúdo. No caso da Pinacoteca Universitária da UFAL, destaca-se que é imprescindível reconhecer qual é o papel desta na sociedade e o que seu respectivo acervo de décadas pode representar tanto para o povo de Alagoas quanto para os visitantes.

De acordo com Caldeira (2008) *in* Campello & Caldeira (2008), é natural do ser humano possuir o hábito de colecionar, sendo este por diversos motivos: afeto, necessidade de poder material, anseio cultural, entre outros. Na Grécia, por exemplo, era comum que cidadãos colecionarem materiais preciosos, incluindo objetos de arte. Tal prática foi absorvida pelo povo de Roma, que, ao final de seu Império, já reunia inúmeras coleções de artefatos provenientes de espólios de guerra. Estas coleções também costumavam ser expostas em eventos diversos, como eventos políticos e religiosos. Na Idade Média, foi a Igreja Católica, enquanto instituição religiosa e um dos poderes, que acabou por ser a principal detentora de coleções, principalmente por receber muitas doações do povo, estimulado pela instrução do desprendimento dos bens materiais, uma pregação feita pela própria Igreja. No final deste período, da Idade Média, foi a realeza que passou a assumir a posse das grandes coleções e acervos. Após a formação das primeiras coleções principescas, entre os séculos XIV e XVIII, surgiram os primeiros museus, ainda que o acesso a estes não fosse permitido a todo tipo de público. Eram espaços privados, destinados à apreciação de seus proprietários e aqueles que lhes eram próximos.

Ainda segundo Caldeira (2008) *in* Campello & Caldeira (2008), foi somente após a Revolução Francesa que o acesso ao acervo das coleções nos museus, antes privados, tornou-se público. O Louvre, por exemplo, surgiu após a transferência da coleção do rei Francisco I ser tornada pública por interferência do governo francês, em 1750. Posteriormente, surgiram os primeiros museus europeus e estadunidenses.

Segundo Julião *in* Nascimento (2006), foi através da ação de Dom João VI que os primeiros museus brasileiros surgiram no século XIX. O monarca foi o responsável pelo surgimento do primeiro museu brasileiro, o Museu Real, em 1818, que depois veio a se tornar o Museu Nacional. Este museu deu origem,



posteriormente, à Casa de História Natural, ou Casa dos Pássaros, originalmente em posse de Dom Luís de Vasconcelos. No entanto, o Museu Nacional é considerado a primeira instituição brasileira que permitiu o amplo estudo de áreas como etnografia, botânica, zoologia, geologia, mineralogia e antropologia. Até 1930, já eram registrados cerca de trinta grandes museus brasileiros: o Museu Paraense Emílio Goeldi, criado em 1866; o Museu Paulista, ou Museu do Ipiranga, criado em 1892; o Museu do Exército, criado em 1864; o Museu da Marinha, criado em 1868; o Museu do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, criado em 1894; entre outros.

O Brasil possui, atualmente, mais de 3.700 instituições museológicas, conforme dados do Cadastro Nacional de Museus (CNM, 2006). O Instituto Brasileiro dos Museus (Ibram) lançou, em 2012, um levantamento estatístico sobre a ausência do público nos museus no Distrito Federal, cujo objetivo foi subsidiar a formulação de políticas públicas para o campo museológico. O estudo investigou os principais motivos apontados pela população para a não frequência aos museus, bem como as condições sociais e econômicas associadas a essa escolha (Ibram, 2012). Dessa forma, observa-se que, além do mapeamento institucional, há também uma preocupação crescente com a relação entre museus e seus públicos.

Ao considerar o panorama nacional, torna-se pertinente direcionar o olhar para contextos regionais específicos, como o estado de Alagoas, que apresenta significativa riqueza histórica e cultural, materializada sobretudo em suas cidades históricas.



Figura 1 - Fotografia do centro histórico de Penedo, Alagoas.



Fonte: Foto disponível em <noticias.ufal.br/transparencia/noticias/2023/11/penedo-e-reconhecida-como-cidade-criativa-pela-unesco>. Acesso em 16 de março de 2026.

Figura 2 - Fotografia de uma das praças de Marechal Deodoro, Alagoas.



Fonte: Foto disponível em <blog.hotelpontaverde.com.br/marechal-deodoro-como-chegar-e-o-que-fazer/>. Acesso em 16 de março de 2026.

Figura 3 - Fotografia aérea do município de Piranhas, Alagoas.



Fonte: Foto disponível em <vidasemparedes.com.br/piranhas-alagoas-o-que-fazer/>. Acesso em 16 de março de 2026.

Às margens do rio São Francisco, localiza-se o município de Penedo (Figura 1) (séc. XVI), cujo território abriga um conjunto arquitetônico composto por igrejas, conventos e palacetes datados dos séculos XVII e XVIII. Esse patrimônio conferiu à cidade o título de patrimônio histórico e cultural nacional, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1996. O mesmo reconhecimento foi atribuído a Marechal Deodoro (Figura 2), cidade detentora de relevante acervo arquitetônico; e a Piranhas (Figura 3), que preserva bens históricos que abrangem desde o período barroco até os séculos XVIII e XIX (Ibram, 2011).

Ainda no contexto histórico alagoano, destaca-se o município de União dos Palmares, associado à formação de um dos mais emblemáticos movimentos de resistência quilombola do país. Atualmente, encontra-se na região, o Parque Memorial Quilombo dos Palmares, instituição museológica de administração pública federal (Ibram, 2011), evidenciando a relação entre memória histórica, patrimônio cultural e institucionalização museológica.

No que se refere à estrutura museal alagoana, o Cadastro Nacional de Museus (CNM, 2006) identificou a existência de 61 instituições museais em Alagoas, sendo a capital, Maceió, a cidade com maior concentração desses equipamentos culturais, totalizando 26 unidades. Atualmente, o cadastro conta com 69 instituições museais.

Quadro 1 - Museus catalogados em Alagoas, levantamento em 2026.¹

| MUSEU | DESCRIÇÃO |
|--|--|
| Museu da Mata Atlântica de Flexeiras | O Museu da Mata Atlântica, localizado em Flexeiras - AL, é o 1º Museu da Mata Atlântica de Alagoas, criado como um espaço de memória, ciência e preservação ambiental. Dedicado à valorização da biodiversidade e dos saberes relacionados ao bioma Mata Atlântica, o museu promove educação ambiental, pesquisa e ações formativas voltadas a estudantes, educadores e comunidade. Seu propósito é fortalecer a consciência ecológica e contribuir para a proteção do patrimônio natural da região, conectando conhecimento científico e identidade local. |
| Museu Hip Hop Miguelense | O Hip Hop Miguelense representa uma das mais potentes expressões da cultura popular e periférica de São Miguel dos Campos - AL. Nascido da resistência e do desejo de transformação social, o movimento reúne MCs, DJs, grafiteiros, b-boys e b-girls que atuam na construção de uma cena viva, crítica e engajada com as realidades do seu território. |
| Espaço de Memória Indígena Alagoana Jeová José Honório da Silva - Universidade Estadual de Alagoas - Uneal | O Espaço de Memória Indígena Alagoana Geová José Honório da Silva é um museu da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL focado em pesquisar/preservar memórias das artes e das/os artistas indígenas de todas as etnias do estado alagoano. |
| Museu Palácio Floriano Peixoto - MUPA | O Museu Palácio Floriano Peixoto - MUPA, é a antiga sede do governo de Alagoas. Mais conhecido por Palácio dos Martírios, é parte integrante do "conjunto arquitetônico dos Martírios", tombado pelo Patrimônio Estadual pelo Decreto nº 38309/2000. Seu acervo é constituído do mobiliário dos séculos XVIII, XIX e XX, prataria, cristais e objetos decorativos, além de inúmeros quadros de pintores alagoanos, como os destacados José Zumba, Luis Silva, Miguel Torres, Lourenço Peixoto e telas do pintor alagoano Rosalvo Ribeiro, premiado em várias exposições no Brasil e na França. Em 2010, o museu agregou ao seu acervo, o Espaço Aurélio Buarque de Holanda e o Memorial Léo Ivo. |
| Museu de História Natural - Universidade Federal de Alagoas | O Museu de História Natural da Universidade Federal de Alagoas (MHN-UFAL) é um órgão suplementar ligado à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX-UFAL) e tem como atribuições a Pesquisa e a Extensão. Desde a sua criação, em 1991, vem desenvolvendo estudos nos ecossistemas locais, valorizando também o conhecimento das populações tradicionais sobre o uso dos recursos naturais do estado. |

¹ Este quadro foi criado com as informações disponíveis no site <cadastro.museus.gov.br/museus>. No entanto, as informações disponibilizadas estavam incompletas e, portanto, foram complementadas através de pesquisa da autora nos sites institucionais de cada instituição citada.

| | |
|---|---|
| <p>Espaço de Memória Artesã Irineia Rosa Nunes da Silva - Universidade Estadual de Alagoas - Uneal</p> | <p>O Espaço de Memória Artesã Irineia Rosa Nunes da Silva é um museu da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL focado em pesquisar/preservar memórias das artes e das/os artistas da Comunidade Quilombola Muquém, município de União dos Palmares/AL.</p> |
| <p>Espaço de Memória Artesão Fernando Rodrigues dos Santos - Universidade Estadual de Alagoas - Uneal</p> | <p>O Espaço de Memória Fernando Rodrigues dos Santos é um museu da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL focado em pesquisar/preservar memórias das artes e das/os artistas do povoado ribeirinho sanfranciscano da Ilha do Ferro, zona rural do município de Pão de Açúcar/Alagoas.</p> |
| <p>Museu Xucurus de História, Arte e Costumes</p> | <p>Fundado em 12 de dezembro de 1971, Museu Xucurus de História Artes e costumes possui um acervo rico em religiosidade, costumes dos séculos XI, XII e XIII. Construído por mão de obra escrava, relata histórias de luta e resistência em Palmeira dos Índios-AL e seus povos originários.</p> |
| <p>Pinacoteca da UFAL</p> | <p>A Pinacoteca da UFAL, museu de artes visuais da Universidade Federal de Alagoas, inaugurada em 24 de setembro de 1981, é um equipamento cultural vinculado à Pró-reitoria de Extensão e Cultura. Criada inicialmente com viés de galeria, funcionou no subsolo do Museu Théo Brandão até 1988 quando foi transferida para o Espaço Cultural Universitário. Na década de 1990, passou por uma série de mudanças nos espaços expositivos, permaneceu fechada por um período de quatro anos, até ser reaberta ao público em 25 de novembro de 1999, apresentando o novo direcionamento institucional, com ênfase em arte contemporânea. Ao longo de quase quatro décadas, a Pinacoteca já realizou cerca de 180 exposições temporárias de diversos artistas de Alagoas, de outros Estados brasileiros e alguns estrangeiros. Reúne em seu acervo obras de técnicas variadas como: pinturas, desenhos, gravuras, fotografias, esculturas, instalações e multimeios. Considerado o principal espaço destinado a mostras temporárias com ênfase na produção contemporânea alagoana e brasileira, cuja área expositiva é a maior do Estado, a Pinacoteca da UFAL alcançou visibilidade local e nacional. Em 2015, foi aberta ao público a primeira exposição de longa duração, com 60 obras do seu acervo, permanecendo até janeiro de 2019. A exposição do acervo foi visitada por grupos estudantis, instituições assistenciais, moradores de Maceió, alagoanos e turistas. Devido à reforma estrutural no Espaço Cultural, o museu encontra-se fechado à visitação desde janeiro de 2019, mantendo o funcionamento interno dedicado às atividades administrativas e técnicas, voltadas às ações museológicas para a gestão do acervo, num espaço provisório até a conclusão das obras.</p> |

Fonte: Disponível em <cadastro.museus.gov.br/museus>. Acesso em 25 de março de 2026.

| | |
|---|---|
| <p>Museu dos Devotos - Dom Constantino Lüers</p> | <p>Em nosso museu contamos com um acervo de peças históricas do povoamento da antiga Vila Real de São José do Poxim, hoje denominado simplesmente de Povoado Poxim, outrora também Freguesia de São José.</p> |
| <p>Museu Regional Delmiro Gouveia</p> | <p>O Museu Regional Delfino Gonçalves é um equipamento de cultura que tem como missão ser guardião da história do sertão do baixo São Francisco, em especial o legado do fundador da cidade e pioneiro da eletrificação do Nordeste, o Delfino Augusto da Cruz Gonçalves.</p> |
| <p>Casa Museu de Graciliano Ramos</p> | <p>A Casa Museu Graciliano Ramos fundada em 05 de outubro de 1973 é o espaço onde o autor Graciliano Ramos viveu sua vida após nascer em Quebrangulo-AL e vir morar em Palmeira dos Índios-AL onde foi prefeito por duas vezes. A Casa Museu conta a vida e obra do autor Graciliano Ramos contando com um rico acervo pessoal e bibliográfico utilizando de tecnologia interativa para fundo de pesquisa.</p> |
| <p>Museu da Imagem e do Som de Alagoas - MISA</p> | <p>O Museu da Imagem e do Som de Alagoas, instituição da Secretaria de Cultura do Governo do Estado de Alagoas é um dos mais requentados centros culturais da cidade de Maceió. O Museu da Imagem e do Som de Alagoas - MISA, foi criado em 3 de setembro de 1981, tendo sido idealizado pelo teatrólogo Bráulio Leite Júnior, à época presidente da Fundação Teatro Deodoro - FUNTED, segundo destaca o escritor Miguel Vassalo Filho. Integrante da estrutura funcional da Secretaria de Estado da Cultura - SECULT, compõe com as demais instituições museológicas, a saber, o organograma dos espaços de memória: Museu Palácio Floriano Peixoto - MUPA, Memorial à República - MÀR e Memorial Teotônio Vilela - MTV. Inicialmente, ocupou parte das dependências do Teatro Deodoro, instalando-se depois do prédio cedido em comodato pelo Governo do Estado, situado à Rua Sá e Albuquerque, 275 (Praça Dois Leões), no histórico bairro de Jaraguá, durante a gestão do governador Guilherme Palmeira, em ato oficial datado de março de 1982, conforme também ressalta Miguel Vassalo Filho. A inauguração oficial da nova sede se dá, porém, no dia seis de março de 1987, durante a gestão do governador José Tavares. Por alguns anos, o MISA teve suas atividades específicas atendidas plenamente, quando ocorre novo período de desgaste da estrutura arquitetônica e a suspensão do seu funcionamento. Através de recursos captados junto à Caixa Econômica Federal, novo processo de restauro e adaptação das dependências é implementado e, finalmente em 2010 os trabalhos técnicos foram concluídos e o museu reaberto, reiniciando suas atividades. O museu, como ressalta sua missão técnica, abriga os acervos relativos à produção da imagem e do som, realizadas em Alagoas, no Brasil e além fronteiras. Além do seu planejamento específico de visitação, pesquisa e exposição, o MISA tem o projeto de popularização da produção cinematográfica brasileira e de eventos que dão dinamismo ao seu propósito de instituição cultural.</p> |

Fonte: Disponível em <cadastro.museus.gov.br/museus>. Acesso em 25 de março de 2026.

| | |
|--|--|
| <p>Casa da Cultura e Museu Histórico e Cultural Fernando Lopes</p> | <p>O Museu Fernando Lopes, localizado no prédio da Casa da Cultura desde sua criação em 1984, abriga um dos acervos mais ricos quanto a artes plásticas, documentos, fotografias, mobílias, louças, arte sacra em madeira, cerâmicas, além de objetos que pertenceram a ilustres personalidades de São Miguel dos Campos. Datados do século 19 a 21, as peças que compõe o museu estão em estado de boa conservação, possibilitando aos visitantes uma imersão à história do município e do Estado, funcionando como um instrumental arquivístico de potencialidade para todos que almejam pesquisar e conhecer sobre fatos que marcaram a sociedade.</p> |
| <p>Memorial Teotônio Vilela</p> | <p>O Memorial Teotônio Vilela é um espaço dedicado à trajetória de vida do Menestrel das Alagoas, Teotônio Vilela. É um equipamento cultural da Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas (Secult), instalado na orla da Pajuçara, em Maceió. Com projeto de Oscar Niemeyer, o 1º no Nordeste, a arquitetura do espaço privilegia um grande vitral, da artista plástica Marianne Peretti, em formato e cores da bandeira do Brasil. Em sua parte interna, uma linha do tempo conta, ano após ano, a vida de Teotônio, com fotografias e textos referentes a cada época. Além disso, estão expostas no Memorial a bengala, o chapéu e os óculos de aros grossos de Teotônio. Um áudio da música Menestrel das Alagoas, uma homenagem de Fernando Brant e Milton Nascimento a Teotônio, cantada por Fafá de Belém, acompanha o público na visita. Na parte superior externa do Memorial, uma estátua esculpida por Mestre Antônio Deodato, de Teotônio Vilela soltando um pombo evoca sua luta pela paz, eternizada pelo seu gesto. Equipamentos Culturais Equipamentos Culturais Museus Equipamentos Culturais Museus Museu Público.</p> |
| <p>Museu de Arte Sacra Pierre Chalita - MAPC</p> | <p>"A coleção do museu é constituída por parte das 2270 obras pertencentes à Fundação Pierre Chalita. Abrange pinturas, esculturas, desenhos, gravuras, objetos decorativos e um núcleo substancial de arte sacra, originários do Brasil e de outros países, datados entre os séculos XVII e XX."</p> |
| <p>Planetário de Arapiraca</p> | <p>Uma viagem ao mundo da ciência. Essa é a sensação de quem visita o Planetário, localizado as margens do Lago da Perucaba, que funciona de domingo a domingo recebendo estudantes não só de Arapiraca, como também de todo o Estado.</p> |
| <p>Museu Arquidiocesano de Arte Sacra Dom Ranulpho</p> | <p>O Museu de Arte Sacra de Marechal Deodoro, também conhecido como Museu Arquidiocesano de Arte Sacra Dom Ranulpho, foi criado pela Arquidiocese de Maceió na década de 1980, a fim de expor ao público parte do relevante acervo da instituição religiosa.</p> |

Fonte: Disponível em <cadastro.museus.gov.br/museus>. Acesso em 25 de março de 2026.

| | |
|--|--|
| <p>Portal de Arquitetura Alagoana - Virtual</p> | <p>O "Portal de Arquitetura Alagoana", consiste em um banco de desenhos, fotografias, maquetes eletrônicas, dados históricos, técnicos e artísticos de edificações marcantes para o patrimônio histórico do Estado de Alagoas, começando pela capital, Maceió. Para organizar o acervo do portal, procuramos escolher temas que fazem parte do cotidiano de todos nós como escolas, igrejas e casas, pois são as edificações que mais nos trazem boas recordações, seja de algum momento de nossa vida, seja da admiração que temos por essas construções. Disponibilizamos o material resultante de trabalhos que estamos realizando desde 2010, mas este acervo está em constante construção, podendo ser ampliado e modificado sempre. Você pode baixar desenhos para colorir, maquetes de papel para montar, fotos, textos e assistir aos vídeos com passeios virtuais pelas edificações. A cidade é dinâmica e mesmo se tratando de exemplares arquitetônicos, o patrimônio histórico também se transforma a cada dia, ganha novos usos, pode ser valorizado, mas muitas vezes é maltratado e abandonado. Por isso, nosso principal objetivo é ajudar a divulgar essa bela herança que faz parte de nossa paisagem cultural para que tenhamos consciência de seu valor e possamos ajudar a cuidar dela. É conhecendo que valorizamos nossa cultura, cuidamos melhor de nosso patrimônio e fortalecemos sentimentos de identidade e cidadania. Acesse e divulgue o portal de arquitetura alagoana entre seus amigos!</p> |
| <p>Museu Coleção Karandash de Arte Popular e Contemporânea</p> | <p>O Museu Coleção Karandash de Arte Popular e Contemporânea, com nome de fantasia Coleção Karandash, tem como principal finalidade promover e divulgar a cultura popular e contemporânea através de cursos, exposições permanentes, temporárias e itinerantes dentro e fora de sua sede, além de oficinas, intercâmbios entre artistas e projetos culturais focados nas artes visuais, no audiovisual e em música, teatro, dança e preservação dos saberes (patrimônio imaterial). Como núcleo, o museu dispõe de um espaço móvel - um barco denominado O Museu no Balanço das Águas/ Coleção Karandash - que atende as comunidades ribeirinhas do Baixo São Francisco, margem esquerda e margem direita, compreendendo os estados de Alagoas e Sergipe.</p> |
| <p>Museu Memória de Junqueiro</p> | <p>Museu Memória de Junqueiro é um espaço onde conservamos bens culturais de interesse social, de modo a evitar destruição, perda ou deterioração destes bens. Fundado em 16 de novembro de 2011 pela Secretaria Municipal de Cultura e a comunidade local. O qual vem desenvolvendo várias atividades: -Oficinas de canto e cantigas da tradição oral; -Oficinas de xilogravura; -Oficinas de músicas folclóricas -Festival de sanfoneiro; -Visita Guiada; - Exposição; - Homenagens; - produção de cordel; Equipamentos Culturais Equipamentos Culturais Museu Equipamentos Culturais Museu Público</p> |

Fonte: Disponível em <cadastro.museus.gov.br/museus>. Acesso em 25 de março de 2026.

| | |
|---|---|
| Herbário MAC | O Herbário MAC é uma instituição vinculada ao Instituto do Meio Ambiente do Estado de Alagoas, sendo considerado "Museu da Flora Alagoana", atuando como centro de pesquisa botânica e exercendo um papel importante para o conhecimento e conservação da vegetação nativa alagoana. Possui uma coleção de plantas desidratadas, composta por um acervo de mais de 64 mil amostras. |
| Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore | O MTB foi criado em 20 de agosto de 1975 e instalado, inicialmente, no bairro do Pontal da Barra, em Maceió. O nome do Museu é uma homenagem ao professor, médico e folclorista Theotônio Brandão Vilela, cuja coleção de arte popular foi doada à Universidade Federal de Alagoas. Théo Brandão também fez doações de fotografias, folhetos de cordel, livros, discos, filmes em super-8, fitas de vídeo, slides e fitas cassete de antigas manifestações da cultura popular, que ele foi guardando ao longo da vida. No acervo em exposição, há peças nordestinas - como a cerâmica figurativa do Mestre Vitalino, mas a maior parte dos objetos são alagoanos, entre os quais se destacam as moringas antropomorfas do artista Júlio Rufino e as esculturas em madeira dos artesãos Antônio de Dedé e Resêndio. |
| Casa de Marechal Deodoro | Um típico casarão do século XVII, a Casa Natal de Marechal Deodoro está localizada no centro de Marechal Deodoro e possui indiscutível valor para o patrimônio histórico alagoano. Serviu de tronco familiar para o casal Manuel Mendes da Fonseca e D. Rosa da Fonseca, como também abrigou uma das mais célebres personalidades da vida política brasileira: Marechal Manuel Deodoro da Fonseca. |
| Casa do Velho Chico | A origem do Museu Ambiental Casa do Velho Chico guarda uma relação profunda com a história de vida de Antônio Jackson Borges Lima (fundador e proprietário do museu) e de sua esposa Jacira Machado Lima, ambos ribeirinhos, barranqueiros do São Francisco. Jackson e Jacira nasceram em municípios margeados pelo Rio da Integração Nacional em Alagoas, ele na zona urbana de Igreja Nova e ela na fazenda de seu pai Rui Machado em Traipu. As memórias e o afeto de ambos pelo rio, permite compreender a trajetória e o surgimento do museu que, inicialmente, parte de uma coleção construída pelo casal no período que viveram em Maceió/AL e levaram consigo as memórias do rio. Em 04 de outubro de 2001 na cidade de Traipu, essa coleção se transforma numa exposição realizada na AABB, no evento em comemoração aos 500 anos do descobrimento do São Francisco pelos colonizadores, momento em que nasce o museu. A exposição dos objetos de memória que juntos narram parte da história da ocupação humana na bacia hidrográfica do São Francisco, recebeu, na ocasião, cerca de 6.000 mil visitantes e contou ainda com o primeiro painel ambiental construído por Jackson, fazendo uma crítica ao impacto dos esgotos das mais de 500 cidades que são despejados no rio. |

Fonte: Disponível em <cadastro.museus.gov.br/museus>. Acesso em 25 de março de 2026.

| | |
|---|---|
| | <p>Ao longo desses 20 anos, a coleção foi sendo ampliada, a questão ambiental foi ganhando espaço através dos painéis que denunciam as atividades antrópicas responsáveis pela degradação do rio e a itinerância se tornou uma característica importante desse espaço de memória e luta, fazendo o museu colecionar inúmeras exposições em diferentes municípios, a exemplo de Arapiraca/AL, Major Izidoro/AL, Maceió/AL, Penedo/AL, Piaçabuçu/AL, Aracaju/SE, Santana do Ipanema/AL, Petrolina/PE, dentre outros.</p> |
| <p>Memorial Desembargador Hélio Cabral do Ministério Público de Alagoas</p> | <p>A escolha do Desembargador Hélio Rocha Cabral de Vasconcellos para "Patrono" do Memorial do Ministério Público do Estado de Alagoas foi motivada pelo fato do mesmo ter-se ilustrado de tal modo, como Promotor de Justiça, que foi nomeado, em 1966, Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado, na vaga reservada, constitucionalmente, a membro do Ministério Público do Estado.</p> |
| <p>Museu Manoel da Marinheira</p> | <p>O Museu Manoel da Marinheira foi fundado em 2003 em um antigo grupo escolar que funcionava na fazenda, e conta com 10 salas repletas de mais de 1000 esculturas de madeira. A coleção foi iniciada na década de 70 e não para de crescer. As esculturas começaram ser feitas por Manoel da Marinheira e sua arte foi passada para os familiares, que hoje dão continuidade ao seu trabalho.</p> |
| <p>Memorial Pontes de Miranda da Justiça do Trabalho em Alagoas</p> | <p>O Memorial Pontes de Miranda da Justiça do Trabalho em Alagoas é parte integrante da estrutura administrativa do Tribunal Regional do Trabalho da 19ª Região. Realiza atividades de preservação e divulgação da memória, atuação e funcionamento da Justiça do Trabalho em Alagoas e a vida e obra do jurista alagoano Pontes de Miranda.</p> |
| <p>Memorial Coruripense</p> | <p>O Memorial guarda a história da cidade através de objetos, documentos e peças doadas por moradores. Lá você encontra desde ferramentas usadas pelos índios Caetés até registros da formação da cidade.</p> |
| <p>Museu Zezito Guedes</p> | <p>Museu Zezito Guedes. Toda diversidade de artesanato de Arapiraca e Região do Agreste.</p> |
| <p>Memorial à República</p> | <p>O Memorial à República foi inaugurado em 15 de novembro de 2005, em homenagem aos dois Marechais alagoanos. Com uma arquitetura moderna elaborada pelo alagoano Alex Barbosa, o Memorial é um espaço mantido pela Secretaria de Estado da Cultura de Alagoas, no qual, as pessoas podem saber um pouco mais da história da República e conferir no espaço chamado de "Salão Verde", todos os presidentes da República Federativa do Brasil. Um brasão fixado no teto da sala, também chama a atenção de quem passa por lá. Possui um terraço externo onde o visitante pode apreciar a bela vista do mar de Maceió. Equipamentos Culturais Equipamentos Culturais Museus Museu Público.</p> |

| | |
|--|---|
| Parque Memorial Quilombo dos Palmares | O Parque Memorial Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, tem uma função essencialmente de preservação e celebração da memória dos quilombolas, especialmente do Quilombo dos Palmares e de Zumbi, no próprio local onde eles viveram e resistiram. Esse tipo de memorial é visto como um espaço de memória viva, com uma conexão direta ao lugar físico onde a história ocorreu, promovendo uma experiência imersiva e respeitando as práticas culturais e religiosas afro-brasileiras que ali ocorrem. Isso inclui visitas, cerimônias e celebrações que mantêm viva a herança quilombola e possibilitam uma interação contínua com o legado histórico, em vez de apenas uma exposição estática. |
| Fazenda Anhumas | A Fazenda Anhumas representa, historicamente, um sistema de vida familiar, econômico e cultural que ao longo dos tempos condicionaram a sociedade e vida de alagoanos. Antigo engenho, dá nome à um pássaro da região. Sua sede atual, espaçosa, tem traços arquitetônicos especiais da época áurea dos engenhos. Cômodos que dão acesso para um único jardim interno e detalhes da mobília trazida de Portugal em carro de boi pelo porto de Olinda. Banheiro com uma enorme banheira e calha d'água para permitir água quente trazida de uma fomalha externa, grande modernidade para a época. Apesar de necessitar de algumas restaurações tem grande fachada, sótão e porão, fomalhas, e oitenta e quatro entradas, entre portas e janelas. A casa foi cenário do filme de Cacá Diégues , "Joana Francesa". |
| Memorial Arnon de Mello | O Memorial Arnon de Mello, localizado em Maceió, é um espaço cultural e museu de história dedicado à trajetória do jornalista, empresário e político alagoano Arnon de Mello. O local reúne um acervo de documentos e registros históricos que ajudam a contar não apenas a vida do homenageado, mas também aspectos da história de Alagoas e do Brasil. |
| Museu Coronel Carlos Benigno Pereira de Lyra | O Museu Coronel Carlos Benigno Pereira de Lyra está localizado no município de São José da Laje, em Alagoas, e não em Maceió. Ele é um importante equipamento cultural que preserva a memória da região, especialmente ligada à história da Usina Serra Grande. |
| Memorial do Tribunal de Justiça do Estado de Alagoas | O Memorial do Tribunal de Justiça do Estado de Alagoas, oficialmente conhecido como Centro de Cultura e Memória (CCM), é um espaço dedicado à preservação e divulgação dos mais de 300 anos de história do Judiciário alagoano. Localizado em um prédio histórico restaurado no centro da capital, o museu oferece uma experiência interativa que conecta o passado jurídico a eventos marcantes da cultura e sociedade de Alagoas. |

| | |
|--|--|
| <p>Casa da Cultura Coruripense Dona Maria Alice Beltrão Siqueira</p> | <p>A Casa da Cultura Coruripense Dona Maria Alice Beltrão Siqueira é o principal centro cultural de Coruripe, Alagoas. O espaço funciona como um polo de fomento às artes, memória e educação, abrigando oficinas, exposições e projetos que fortalecem a identidade local.</p> |
| <p>Ecomuseu Comunitário Graciliano É Uma Graça</p> | <p>O Ecomuseu Comunitário Graciliano É Uma Graça é uma iniciativa cultural e social localizada no conjunto Graciliano Ramos, no bairro Cidade Universitária, na parte alta de Maceió. Diferente de museus tradicionais com prédios formais, este é um museu de território. Ele foca na memória viva da comunidade, na valorização do espaço urbano e na identidade dos moradores locais.</p> |
| <p>Casa da Palavra</p> | <p>A Casa da Palavra em Maceió é um espaço cultural e educacional icônico, situado em um charmoso casarão histórico na Ladeira do Brito. Embora seja frequentemente confundida com um museu devido à sua arquitetura e acervo, sua principal função é atuar como um centro de formação e eventos. Coordenada pelo professor Ricardo Nogueira (UFAL), o local é amplamente conhecido por sediar o Curso de Emergências Clínico-Cirúrgicas, considerado um dos mais antigos e tradicionais do Brasil, voltado para acadêmicos e profissionais de medicina. Além disso, o espaço funciona como uma "Casa de Formação de Líderes", oferecendo cursos de desenvolvimento profissional e locação para eventos.</p> |
| <p>Museu de Arte Brasileira (Fundação Pierre Chalita)</p> | <p>O Museu de Arte Brasileira (Fundação Pierre Chalita), muitas vezes referido como Museu de Arte Sacra Pierre Chalita, é uma instituição privada em Maceió que abriga um dos acervos de arte sacra e colonial mais importantes do Nordeste.</p> |
| <p>Casa de Cultura e Museu Professor Arthur Ramos</p> | <p>A Casa de Cultura e Museu Professor Arthur Ramos está localizada no município do Pilar, Alagoas, na casa onde nasceu o renomado médico, antropólogo e folclorista alagoano Arthur Ramos (1903-1949). Recentemente, o local foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial de Alagoas.</p> |
| <p>Museu do Comércio de Alagoas</p> | <p>O Museu do Comércio de Alagoas (MUCOM) está instalado em um dos edifícios mais icônicos de Maceió: o prédio da Associação Comercial de Maceió, localizado no bairro histórico do Jaraguá. O museu preserva a memória do desenvolvimento econômico do estado, com foco na história do comércio e da tecnologia.</p> |
| <p>Casa Maria Mariá</p> | <p>O Museu Casa Maria Mariá está localizado em União dos Palmares, Alagoas. O espaço funciona na antiga residência de Maria Mariá de Castro Sarmento (1917-2004), uma professora, historiadora e folclorista que se tornou um símbolo de resistência e vanguarda na sociedade palmarina.</p> |

| | |
|---|---|
| Centro de Memória da Justiça Eleitoral (Maceió) | O Centro de Memória da Justiça Eleitoral em Maceió é um espaço institucional mantido pelo Tribunal Regional Eleitoral de Alagoas (TRE-AL) para preservar a história das eleições e da democracia no estado. |
| Museu do Paço Imperial | O Museu do Paço Imperial está localizado na cidade histórica de Penedo, no extremo sul de Alagoas. O museu funciona em um sobrado do século XVIII que serviu de hospedaria para o Imperador Dom Pedro II e sua comitiva durante uma visita à cidade em 1859. |
| Museu de Olho D'água do Casado | O Museu de Olho D'água do Casado, frequentemente associado ao Museu Guiomar Britto ou ao complexo arqueológico local, preserva a história, cultura e memórias da família Britto e da sociedade casadense, com acervo de fotos e objetos. |
| Casa da Cultura de Porto Real do Colégio | A Casa da Cultura de Porto Real do Colégio, localizada no baixo São Francisco alagoano, é um espaço dedicado à preservação da identidade histórica e artística do município. O local funciona na antiga estação ferroviária da cidade, um prédio que por si só é um marco do patrimônio arquitetônico regional. |
| Museu da Polícia Militar do Estado de Alagoas | O Museu da Polícia Militar do Estado de Alagoas (PMAL) está localizado no coração de Maceió, funcionando dentro do complexo do Quartel Geral da corporação. O espaço é dedicado à preservação da memória da instituição, exibindo a evolução de uniformes, armamentos e equipamentos utilizados ao longo das décadas. |
| Ponto de Memória Cultural Museológico e Histórico de Pedro Teixeira (Identidade Cultural) | O Ponto de Memória Cultural Museológico e Histórico de Pedro Teixeira (Identidade Cultural) é uma iniciativa de museologia social que atua na preservação do patrimônio e da memória coletiva da comunidade de Chã Preta, em Alagoas. Diferente de museus tradicionais, ele se caracteriza como um museu de território ou ecomuseu, onde o foco não é apenas uma coleção de objetos, mas a relação dos moradores com o seu espaço, suas lutas e sua história. |
| Museu da Casa do Penedo | O Museu da Casa do Penedo (ou Fundação Casa do Penedo) é uma das instituições culturais mais respeitadas de Alagoas, localizada no centro histórico de Penedo. Diferente do Paço Imperial, que foca no período monárquico, a Casa do Penedo dedica-se à preservação da memória documental, iconográfica e social de toda a região do Baixo São Francisco. |
| Museu de Tecnologia do Século XX | O Museu de Tecnologia do Século XX compartilha o mesmo prédio da Associação Comercial de Maceió, no histórico bairro do Jaraguá, funcionando de forma integrada ao Museu do Comércio de Alagoas. O acervo é uma verdadeira viagem no tempo para entusiastas da engenharia e comunicações, focando na evolução técnica que transformou o estado no último século. |

| | |
|--|--|
| Museu de Arte Sacra (Viçosa) | O Museu de Arte Sacra de Viçosa é uma joia cultural localizada na "Atenas Alagoana", funcionando no andar superior da Igreja Matriz do Senhor do Bom Jesus do Bonfim, em pleno centro histórico da cidade. |
| Usina Ciência - Universidade Federal de Alagoas | A Usina Ciência é o principal centro de divulgação científica e tecnológica da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Localizada em um antigo galpão histórico no bairro do Farol, ela funciona como um museu interativo onde visitantes de todas as idades podem "tocar" na ciência através de experimentos práticos. |
| Casa do Poeta Jorge de Lima | A Casa do Poeta Jorge de Lima, localizada em Maceió, é um centro cultural e museográfico dedicado à vida e à obra de um dos maiores nomes do modernismo brasileiro. O espaço funciona no antigo sobrado onde o poeta viveu, no centro histórico da capital. |
| Museu de História da Medicina de Alagoas | O Museu de História da Medicina de Alagoas, também conhecido como Museu Nise da Silveira, está localizado no centro de Maceió e é dedicado à preservação da trajetória da saúde e das ciências médicas no estado. O museu homenageia a renomada psiquiatra alagoana Nise da Silveira, que revolucionou os tratamentos mentais no Brasil. |
| Memorial Raimundo Marinho | O Memorial Raimundo Marinho funciona no piso térreo do Museu do Paço Imperial, na cidade histórica de Penedo, Alagoas. O espaço é dedicado a preservar a trajetória de uma das figuras políticas mais influentes da região do Baixo São Francisco no século XX. |
| Memorial Major José Tenório | O Memorial Major José Tenório é um espaço cultural e histórico localizado na zona rural do município de Boca da Mata, Alagoas. O museu é dedicado a preservar a memória e o legado do Major José Tenório, figura de grande relevância para a história e o desenvolvimento da região, especialmente ligada à Usina Triunfo. |
| Museu Paleontológico Otaviano Florentino Ritir | O Museu Paleontológico Otaviano Florentino Ritir está localizado no município de Maravilha, no Sertão de Alagoas. Ele é um dos raros espaços dedicados à pré-história no estado, preservando fósseis de animais gigantes que habitaram a região há milhares de anos. |
| Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas | O Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), fundado em 1869, é um dos mais antigos e importantes centros de preservação da memória do estado. Localizado em um prédio histórico no centro de Maceió, ele guarda relíquias que vão desde o período colonial até a história moderna de Alagoas. |

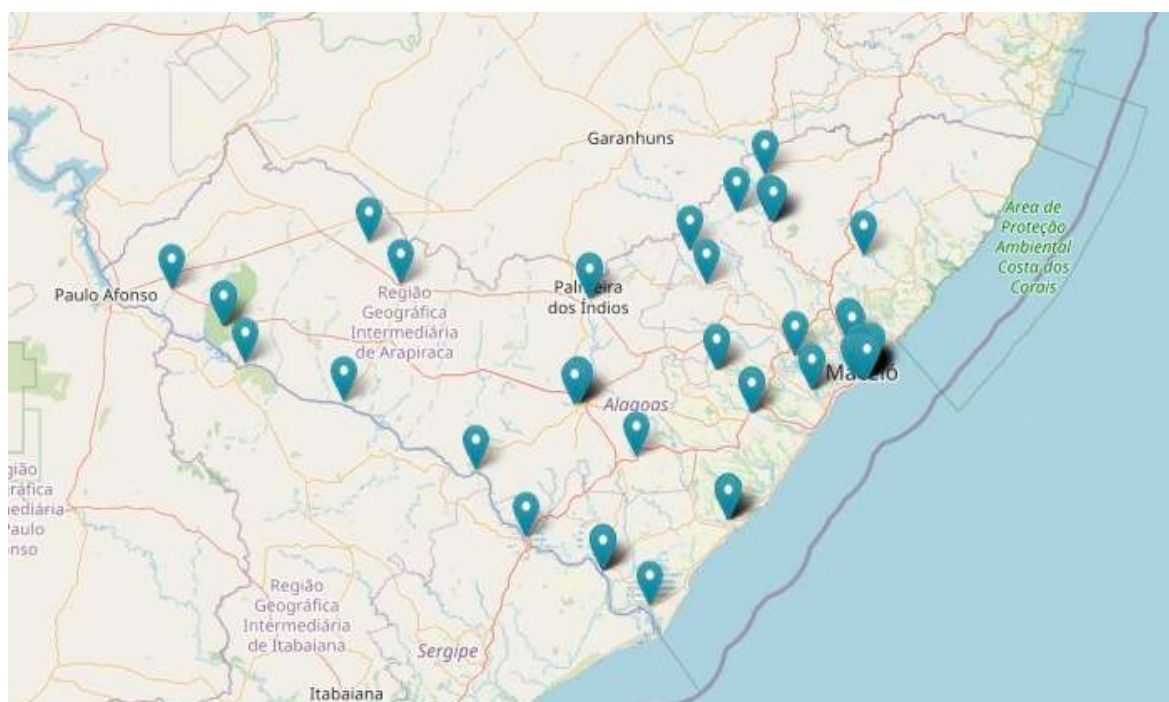
| | |
|--|--|
| Memorial da Mulher - Ceci Cunha | O Memorial da Mulher Ceci Cunha é um espaço público em Arapiraca, Alagoas, dedicado à valorização da figura feminina e à preservação da história de mulheres que marcaram o desenvolvimento do estado e do município. O nome homenageia a médica e deputada federal Ceci Cunha, assassinada em 1998 em um crime que chocou o país (o "Chacina da Gruta"). |
| Museu Histórico e de Artes Darras Noya | O Museu Histórico e de Artes Darras Noya está localizado no município de Santana do Ipanema, no Sertão de Alagoas. O espaço funciona como o principal guardião da memória e da cultura da região do Médio Sertão alagoano. |
| Centro Cultural João Ferreira da Silva | O Centro Cultural João Ferreira da Silva está localizado no município de Piaçabuçu, Alagoas, na região da foz do Rio São Francisco. O espaço é um ponto de referência para o turismo e a cultura local, funcionando frequentemente como um centro de apoio e informações para visitantes. |
| Museu do Sertão (Piranhas) | O Museu do Sertão, localizado no centro histórico de Piranhas, Alagoas, é um dos pontos turísticos mais visitados da região. Instalado na antiga estação ferroviária da cidade, o museu é famoso por guardar a maior parte da memória visual e material sobre o Cangaço. |
| Memorial René Bertholet | O Memorial René Bertholet está localizado no distrito de Pindorama, no município de Coruripe, Litoral Sul de Alagoas. O espaço é dedicado a preservar a história da Cooperativa Pindorama, considerada um dos maiores exemplos de cooperativismo rural do Brasil. O nome do memorial homenageia o suíço René Bertholet (1907-1991), o grande idealizador e fundador da colônia e da cooperativa na década de 1950. |
| Museu dos Esportes Lauthenay Perdigão | O Museu dos Esportes Lauthenay Perdigão está localizado dentro do Estádio Rei Pelé, no bairro do Trapiche da Barra, em Maceió. Fundado pelo jornalista Lauthenay Perdigão, o museu é um dos principais centros de memória esportiva do Brasil, reunindo um vasto acervo que narra a história do futebol alagoano e nacional. |
| Museu do Esporte | O principal espaço dedicado a essa temática é o Museu dos Esportes Lauthenay Perdigão, localizado dentro do Estádio Rei Pelé (o "Trapichão"), em Maceió. Ele é considerado um dos maiores acervos esportivos do país, fundado e mantido durante décadas pelo jornalista Lauthenay Perdigão. |
| Casa da Arte | A Casa da Arte em Alagoas é um espaço cultural localizado no município de Marechal Deodoro, na região metropolitana de Maceió. O local funciona como um importante centro de fomento ao artesanato e às artes visuais da primeira capital do estado. |

| | |
|---|--|
| Museu Guiomar Britto | O Museu Guiomar Britto é um espaço cultural e de memória localizado no município de Olho d'Água do Casado, no Sertão de Alagoas. Ele integra o circuito histórico da cidade, que é uma das principais portas de entrada para os Cânions do Rio São Francisco. |
| Sala da Memória do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes - Universidade Federal de Alagoas | A Sala da Memória do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA/UFAL) é um espaço museológico institucional dedicado à preservação da história da medicina universitária em Alagoas. Ela documenta a trajetória do hospital desde sua fundação e sua importância para o ensino e a saúde pública no estado. |

Fonte: Disponível em <cadastro.museus.gov.br/museus>. Acesso em 25 de março de 2026.

A disposição dos museus em Alagoas também está disponível no site do cadastro de museus do governo brasileiro, apresentada em um mapa (Figura 4).

Figura 4 - Mapa da disposição de instituições museais em Alagoas.



Fonte: Informações disponíveis em cadastro.museus.gov.br/museus.

A primeira instituição museológica fundada em Alagoas foi o Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL) (Figura 5 e 6), criado em 1869, dedicado a estudos e pesquisas nas áreas de história, geografia e ciências sociais

(CNM, 2006). Seu acervo reúne aproximadamente 2.600 bens culturais, incluindo coleções etnográficas, históricas e arqueológicas.

Com o intuito de fortalecer a gestão e a articulação dessas instituições, foi criado o Sistema Alagoano de Museus (SAM), responsável por auxiliar na manutenção, implementação e atualização do Cadastro Estadual de Museus, além de incentivar e regulamentar as ações museológicas no estado. Entre as 26 instituições cadastradas, 11 possuem acervos com até 500 itens e 10 contam com coleções de até 3.000 objetos, o que demonstra que, aproximadamente, 80% dos museus alagoanos são constituídos por acervos de pequeno e médio porte (CNM, 2011).

Figura 5 - Fotografia do Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.



Figura 6 - Fotografia interna do Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas.



Fonte: Foto disponível em gazetadealagoas.com.br/caderno-b/214455/150-anos-de-muita-historia. Acesso em 16 de março de 2026.

Fonte: Foto disponível em culturaeviajem.wordpress.com/2022/01/07/voc-e-ja-visitou-o-mais-antigo-maior-e-melhor-museu-de-alagoas/. Acesso em 16 de março de 2026.

Em relação à tipologia dos acervos em Alagoas, predominam os museus de História, seguidos pelos acervos de Imagem e Som e pelas coleções de Artes Visuais, categorias que também apresentam maior representatividade em âmbito nacional. Segundo pesquisa elaborada pelo Ibram, em 2011, verificou-se que a maior parte das instituições museológicas alagoanas se encontrava aberta ao público, havendo apenas uma unidade temporariamente fechada. Contudo, o levantamento também evidenciou limitações estruturais, como o fato de apenas três museus disporem de recursos voltados ao atendimento do público estrangeiro (Ibram, 2011).

Esse cenário revela que, embora os museus alagoanos possuam trajetória histórica rica e diversificada, abrangendo desde o período colonial até a contemporaneidade, ainda enfrentam desafios relacionados à acessibilidade, infraestrutura e ampliação de públicos.

Entretanto, persistem obstáculos significativos, especialmente no que se refere à escassez de recursos financeiros e à insuficiência de políticas públicas voltadas ao setor cultural, fatores que podem restringir o potencial de atuação dessas instituições e comprometer sua sustentabilidade a longo prazo. Nesse contexto, torna-se fundamental que sociedade e gestores públicos reconheçam os museus como espaços estratégicos de preservação, produção e disseminação do patrimônio cultural.

2.2. O que é a Pinacoteca

A Pinacoteca Universitária da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), inaugurada em 24 de setembro de 1981, constitui-se como um importante equipamento cultural vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proexc), desempenhando papel significativo na promoção e difusão das artes visuais no estado de Alagoas (Cf. Universidade Federal de Alagoas, 2024).

Ao completar quatro décadas de atuação, em 2021, a instituição consolidou uma trajetória marcada pela realização de exposições, ações formativas e iniciativas voltadas ao fortalecimento do circuito artístico local e nacional, reunindo artistas, servidores e público em torno da produção artística contemporânea (Cf. Universidade Federal de Alagoas, 2024).

Figura 7 - Fotografia do Museu Théo Brandão em Maceió, Alagoas.



Fonte: Foto disponível em <g1.globo.com/al/alagoas/arquivo/especial-publicitario/confea/noticia/2019/10/17/museu-de-antropologia-amplia-o-acesso-da-populacao-a-cultura-e-a-arte-em-alagoas.ghtml>. Acesso em 16 de março de 2026.

Criada inicialmente com a proposta de funcionar como galeria de arte, a Pinacoteca teve suas primeiras atividades instaladas no subsolo do Museu Théo Brandão (Figura 7), localizado no bairro do Jaraguá, em Maceió. Posteriormente, em 1988, foi transferida para o Espaço Cultural Universitário (Figura 8), situado no centro da cidade, onde passou a ocupar três salões no primeiro andar do edifício, configuração que permanece até os dias atuais.

Figura 8 - Fotografia do Espaço Cultural Universitário Prof. Salomão A. de Barros Lima, em Maceió, Alagoas.



Fonte: Foto disponível em g1.globo.com/al/alagoas/arquivo/especial-publicitario/confea/noticia/2019/10/17/museu-de-antropologia-amplia-o-acesso-da-populacao-a-cultura-e-a-arte-em-alagoas.ghtml. Acesso em 16 de março de 2026.

Desde sua fundação, conforme destacou Íris Daniele, diretora da Pinacoteca de 2019 a 2024, a instituição realizou e recebeu exposições que contemplaram diferentes técnicas, linguagens e estilos artísticos, abrangendo desde manifestações da cultura popular até produções contemporâneas, com participação de artistas alagoanos, nacionais e internacionais.

Além das exposições, a Pinacoteca também desenvolveu cursos e eventos em parceria com instituições culturais públicas e privadas, como a Fundação Nacional de Artes (Funarte), na década de 1980, e o Itaú Cultural, nos anos 2000.

Um momento decisivo em sua trajetória ocorreu na década de 1990, quando, após reforma estrutural, o equipamento cultural passou por redefinição institucional, adotando maior ênfase na arte contemporânea. Desde então, consolidou-se como espaço voltado prioritariamente à realização de exposições temporárias, ampliando

sua visibilidade nos cenários artístico local e nacional. Ao longo de sua história, a Pinacoteca sediou exposições de destaque que contribuíram para a consolidação de sua identidade institucional.

Entre essas iniciativas, destaca-se a exposição *Quatro Vozes* (Figura 9), realizada em 1988, que marcou a reabertura do Espaço Cultural Universitário e reuniu obras dos artistas David Largman, Jadir Freire, Mário Azevedo e Rogério Gomes, então gestor da Pinacoteca.

Posteriormente, em 1999, a mostra *Olhar Alagoas: Arte Contemporânea* (Figura 10) assinalou a inauguração definitiva da Pinacoteca no primeiro andar do Espaço Cultural da UFAL, inaugurando novas instalações expositivas destinadas às mostras temporárias. Na ocasião, quinze obras foram incorporadas ao acervo institucional por meio de doação.

Figura 9 - Fotografia do material impresso de divulgação da exposição *Vozes* (1988) na Pinacoteca da UFAL.



Fonte: Foto disponível em <[instagram.com/p/CzEzaq9pwgt/?hl=en&img_index=3](https://www.instagram.com/p/CzEzaq9pwgt/?hl=en&img_index=3)>. Acesso em 16 de março de 2026.

Figura 10 - Fotografia da exposição Olhar Alagoas: Arte Contemporânea (1999) na Pinacoteca da UFAL.



Fonte: Foto disponível em <noticias.ufal.br/ufal/noticias/2021/9/pinacoteca-da-ufal-faz-40-anos-de-dedicacao-as-artes-visuais-em-alagoas>. Acesso em 16 de março de 2026.

Durante os anos 2000, a Pinacoteca continuou a sediar exposições relevantes, entre elas *O universo de três mulheres e seu reflexo na arte contemporânea* (2001), com obras da designer de moda Vera Arruda e das artistas plásticas Jeanine Toledo e Daniela Aguiar, bem como *Barro Oco* (Figura 11), no mesmo ano, com trabalhos de Eva Le Campiom. Em 2009, a exposição *Maceiópolis, Maceioca, Maceiótima*, do artista Lula Nogueira, recebeu mais de 1,8 mil visitantes, enquanto *Jardim em Suspenso* (Figura 12), de Karla Mellanias, realizada em 2017, contabilizou quase 1,2 mil visitantes. Esses dados evidenciam o interesse do público local pelas artes visuais e reforçam a importância da Pinacoteca como espaço de encontro entre artistas e sociedade.

Figura 11 - Fotografia da exposição Barro Oco (2001) na Pinacoteca da UFAL.



Fonte: Foto disponível em <pinacoteca.ufal.br/exposicoes/temporarias/barro-oco>. Acesso em 16 de março de 2026.

Figura 12 - Fotografia da exposição Jardim Suspenso (2017) na Pinacoteca da UFAL.



Fonte: Foto disponível em <noticias.ufal.br/ufal/noticias/2017/3/programacao-especial-marca-encerramento-da-exposicao-jardim-em-suspenso>. Acesso em 16 de março de 2026.

Outro marco institucional relevante ocorreu em 2006, quando as exposições passaram a ser selecionadas por um Conselho Curador, posteriormente denominado Comissão de Pauta após alterações no Estatuto e no Regimento da UFAL. Formada por artistas, professores e servidores da instituição, a comissão estabeleceu critérios curatoriais e editais públicos para seleção das exposições,



substituindo o modelo anterior baseado em convites diretos ou solicitações informais, o que contribuiu para maior transparência e profissionalização dos processos expositivos.

Enquanto equipamento cultural universitário, a Pinacoteca mantém diálogo constante com a comunidade acadêmica. Ao longo das últimas décadas, estudantes de diversos cursos de graduação da UFAL participaram de suas atividades, sobretudo no atendimento ao público e na mediação cultural durante visitas individuais e em grupo. Essa experiência é compreendida pela gestão da instituição como elemento formativo relevante, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes ao ampliar suas percepções culturais e possibilidades de atuação no campo artístico e cultural.

A participação discente também se manifesta na realização de projetos expositivos organizados pelos próprios estudantes, como a exposição fotográfica MEU na moda – 2ª edição: Povo Alagoano, resultante dos trabalhos de conclusão de curso da turma de 2015 de Produção de Moda da Escola Técnica de Artes da UFAL. De modo semelhante, editais de extensão universitária, como o Proinart, possibilitaram a realização da mostra Cidades & Signos: um intercurso pela arte (2018), reunindo estudantes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Design, Teatro e Direito, evidenciando o caráter interdisciplinar das ações promovidas pela instituição.

No contexto de transformações durante 2020, especialmente com a pandemia de Covid-19, a Pinacoteca enfrentou o desafio de manter suas atividades mesmo com a suspensão das visitas presenciais, agravada pelas reformas estruturais do prédio do Espaço Cultural. Como estratégia de aproximação com o público, a equipe desenvolveu ações digitais voltadas à difusão do acervo, como o Quiz da Pina UFAL, a divulgação diária de obras nas redes sociais e a criação de jogos educativos disponibilizados online, buscando ampliar o contato da sociedade com o patrimônio artístico por meio do ambiente virtual.

Entre as iniciativas realizadas nesse período destaca-se o projeto desenvolvido em parceria com a Escola Estadual Onélia Campelo, em Maceió, coordenado pelo professor Luciano Falcão. A ação levou o acervo da Pinacoteca a estudantes do ensino fundamental e médio durante o mês de outubro de 2020, culminando na campanha Onélia Pinaconectada: interpretações do acervo da Pina UFAL. A proposta incluiu atividades educativas, visitas virtuais e produções artísticas



realizadas pelos alunos, que interpretaram obras do acervo por meio de pinturas corporais, arte digital, colagens e desenhos, ampliando o alcance social e pedagógico da instituição.

A Pinacoteca Universitária mantém suas atividades com equipe composta por servidores das áreas administrativa e museológica, além da direção. Ainda assim, a continuidade das ações desenvolvidas evidencia o compromisso institucional com a democratização do acesso à arte e com a formação cultural da sociedade, reafirmando o papel da Pinacoteca como espaço de preservação, experimentação artística e extensão universitária.

Em 2026, a Pinacoteca atravessa um processo de reabertura. O espaço, após devido acompanhamento arquitetônico e técnico, recebeu proposta de nova disposição espacial (Figura 13). Segundo esta nova proposta, a pinacoteca está dividida em: (1) exposição permanente; (2) reserva técnica; (3) museologia; (4) área administrativa. A nova Pinacoteca também mudou de acesso, disposta no térreo ao invés de acessível no primeiro andar do prédio, o que facilita a acessibilidade dos visitantes com limitações de locomoção.

Figura 13 - Imagem da proposta em modelagem 3d para a nova Pinacoteca da UFAL, no Espaço Cultural.



Fonte: Imagem disponível em acervo próprio.

Como é possível observar nas imagens a seguir, a Pinacoteca da UFAL foi repensada para, apesar do espaço reduzido, se comparada ao espaço original que a

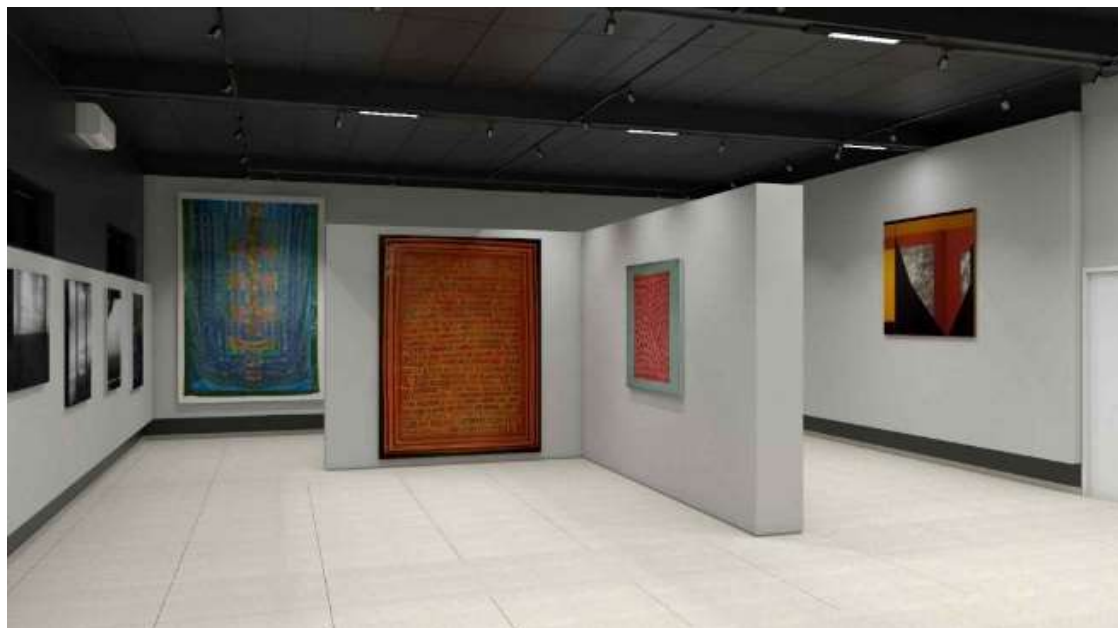
mesma possuía no primeiro andar do prédio, ser um ambiente que oferece conforto acústico, lumínico e térmico, acessível para os visitantes e para a equipe de trabalho da instituição. Pode-se observar uma entrada ampla e climatizada (Figura 14), que antecede o salão principal com a Exposição Permanente da Pinacoteca (Figura 15), ao lado dos espaços de área administrativa (Figura 16) e reserva técnica (Figura 17), onde são mantidas as obras do acervo que não estão expostas no salão principal.

Figura 14 - Imagem da entrada da Pinacoteca na proposta em modelagem 3d para a nova Pinacoteca da UFAL, no Espaço Cultural.



Fonte: Imagem disponível em acervo próprio.

Figura 15 - Imagem do espaço da Exposição Permanente na proposta em modelagem 3d para a nova Pinacoteca da UFAL, no Espaço Cultural.



Fonte: Imagem disponível em acervo próprio.

Figura 16 - Imagem da Reserva Técnica na proposta em modelagem 3d para a nova Pinacoteca da UFAL, no Espaço Cultural.



Fonte: Imagem disponível em acervo próprio.

Figura 17 - Imagem do espaço da Área Administrativa na proposta em modelagem 3d para a nova Pinacoteca da UFAL, no Espaço Cultural.



Fonte: Imagem disponível em acervo próprio.

A seguir, a fim de explorarmos a natureza turística do estado de Alagoas e da cidade de Maceió, será aprofundada a investigação sobre o turismo local.

2.3. Turismo em Alagoas

A Organização Mundial do Turismo (OMT, 2001) define o turismo cultural como o movimento de pessoas motivado essencialmente por interesses culturais, incluindo viagens de estudo, participação em festivais e eventos artísticos, visitas a sítios e monumentos históricos, além de deslocamentos voltados à apreciação da natureza, da arte, do folclore e das peregrinações. Essa definição evidencia o caráter experiencial e educativo do turismo cultural, distinguindo-o de modalidades centradas exclusivamente no lazer ou no consumo recreativo.

De modo complementar, a Carta de Turismo Cultural do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS, 1999) conceitua o turismo cultural como uma forma de turismo cujo objeto central consiste no conhecimento de monumentos, sítios históricos e artísticos e demais elementos do patrimônio cultural. O documento destaca, ainda, a estreita relação entre turismo e preservação patrimonial, ao considerar que o turismo cultural pode exercer impactos positivos sobre o patrimônio, contribuindo para sua manutenção, proteção e valorização social.

Nesse sentido, os esforços destinados à conservação do patrimônio justificam-se não apenas por sua relevância histórica e simbólica, mas também pelos benefícios socioculturais e econômicos proporcionados às comunidades envolvidas (ICOMOS, 1999).

O turismo cultural passa a ser compreendido como um aliado estratégico na conservação patrimonial, na medida em que amplia o conhecimento público sobre os bens culturais, favorece o acesso da população e estimula processos de sensibilização e pertencimento, fundamentais para o fortalecimento das práticas de preservação.

A perspectiva adotada pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios amplia o conceito de patrimônio ao integrá-lo ao meio ambiente natural e cultural, abrangendo paisagens, conjuntos históricos, sítios naturais e construídos, biodiversidade, acervos culturais, práticas tradicionais e contemporâneas e sistemas de conhecimento (ICOMOS, 1999). Tal abordagem evidencia a compreensão do patrimônio como fenômeno dinâmico, constituído tanto por dimensões materiais quanto imateriais.

No contexto nacional, o turismo cultural tem sido apontado pelas políticas públicas como alternativa relevante para a geração de emprego e renda, especialmente em localidades afastadas do litoral, onde o turismo de sol e praia, predominante no país, apresenta menor potencial de desenvolvimento.

Nessa perspectiva, trata-se de uma modalidade frequentemente associada à sustentabilidade, por promover a valorização cultural e contribuir para a melhoria da qualidade de vida das populações locais, posicionando-se em contraposição ao turismo de massa, reconhecido por seus impactos socioambientais negativos.

Além disso, o desenvolvimento do turismo cultural tem sido compreendido como estratégia para inserção das cidades em um cenário de competitividade global. Ao projetarem imagens culturais específicas e investirem em estratégias de marketing territorial, os centros urbanos buscam ampliar sua capacidade de atração turística e captar investimentos e fluxos internacionais, atendendo à necessidade de aumentar a capacidade de atração do produto cidade (Sánchez, 1999).

Em Alagoas, ao procurar por turismo, é comum que o visitante encontre imagens como a da vista do litoral da cidade de Maceió (Figura 18), com a visão aérea dos recifes de corais e das praias atrativas da cidade; ou ainda com a mais nova atração turística, a roda gigante, inaugurada em 2025 (Figura 19).



Figura 18 - Fotografia aérea do litoral da cidade de Maceió, Alagoas.



Fonte: Foto disponível em <movimentoeconomico.com.br/economia/2024/08/18/turismo-em-alagoas-deve-superar-faturamento-de-r-2-bi-na-alta-temporada/>. Acesso em 16 de março de 2026.

Figura 19 - Fotografia da roda gigante, na cidade de Maceió, AL.



Fonte: Foto disponível em <cadaminuto.com.br/noticia/2025/09/18/roda-maceio-inicia-testes-de-luz-e-se-aproxima-da-inauguracao-na-orla-da-capital>. Acesso em 16 de março de 2026.

As transformações observadas no turismo contemporâneo reforçam essa tendência. Diferentemente do turismo massivo característico de meados do século XX, o turismo do início do novo milênio apresenta mudanças significativas nas preferências dos visitantes, que passam a buscar experiências significativas em vez de apenas produtos ou serviços turísticos, ampliando territorialmente o mercado turístico (Beni, 2004).

Nesse cenário, o Ministério do Turismo brasileiro passou a adotar princípios vinculados à chamada economia da experiência, abordagem que considera um consumidor orientado por valores simbólicos, emoções e vivências.

Vivenciar, nesse contexto, significa estabelecer relações sensoriais e interpretativas com o objeto cultural visitado, seja por meio da compreensão e valorização do patrimônio, seja pela participação em atividades contemplativas, educativas ou de entretenimento associadas ao atrativo turístico (Beni, 2004).

As novas demandas do público turístico revelam um visitante mais informado e exigente, cuja decisão de consumo é influenciada por conteúdos digitais e interações em redes sociais. Na economia da experiência, conforme afirma Rifkin (2001), ideias, conceitos e imagens passam a assumir maior valor do que bens



materiais, configurando uma mudança estrutural nas dinâmicas econômicas contemporâneas. Essa tendência global influencia diretamente a atividade turística, que passa a buscar diferenciação por meio da oferta de experiências memoráveis e emocionalmente significativas (Rifkin, 2001).

Dessa forma, o turismo cultural consolida-se como nicho específico de mercado, no qual as motivações dos visitantes estão associadas à atratividade dos sítios culturais, eventos e experiências simbólicas oferecidas. Contudo, seu desenvolvimento depende de processos estruturados de planejamento interpretativo capazes de transformar o patrimônio cultural em experiência significativa para o visitante (Rifkin, 2001).

Entre os principais entraves ao desenvolvimento do turismo cultural destaca-se a tendência de restringi-lo apenas à restauração e conservação física do patrimônio, desconsiderando aspectos relacionados à gestão e à construção do produto turístico.

Conforme observa Goodey (2002) *in* Murta & Albano (2002), a simples abertura de atrações patrimoniais não garante a atração e o engajamento dos visitantes, tornando necessário repensar os usos sociais e comunicacionais do patrimônio cultural. No caso da Pinacoteca da UFAL, é necessário considerar também os aspectos que impulsionam os visitantes a conhecer o espaço físico da instituição, tornando-a interativa e interessante, enquanto experiência, para o público.

Nesse contexto, a compreensão dos gestores e profissionais de planejamento acerca das especificidades do turismo cultural torna-se elemento central para a sustentabilidade da atividade. Para que bens patrimoniais recebam valor no circuito turístico, é necessário que sejam interpretados e ressignificados, permitindo múltiplas leituras e experiências capazes de gerar conhecimento, emoções e atitudes dos visitantes.

A interpretação do patrimônio é entendida como a arte de tornar acessível o significado dos bens culturais e dos modos de vida humanos, constituindo-se como ato comunicativo que transforma o patrimônio cultural em ativo de interesse social e turístico (Goodey, 2002, *in* Murta & Albano, 2002). Assim, a interpretação assume papel fundamental na ativação simbólica do patrimônio.

O desenvolvimento do turismo cultural depende, portanto, de planejamento interpretativo estruturado, que envolve inventariação dos recursos culturais, análise

de mercado e público-alvo, definição de métodos interpretativos adequados à realidade local, além de estratégias de promoção e gestão. Esse processo deve ser conduzido por equipes multidisciplinares sensíveis às especificidades culturais e às demandas dos visitantes (Goodey, 2002, *in* Murta & Albano, 2002).

A participação conjunta do poder público e da população local constitui condição essencial para a efetividade desse planejamento. Na ausência dessa parceria, existe o risco de transformação do patrimônio em mero espetáculo cultural voltado a um mercado descomprometido com sua sustentabilidade (Goodey, 2002, *in* Murta & Albano, 2002).

Além disso, o consumo turístico de um espaço cultural não depende exclusivamente de seu valor histórico ou artístico, mas também da gestão integrada dos espaços de visitação, incluindo planejamento urbano, mobilidade, controle de fluxos, capacidade de carga, hospitalidade da comunidade local e construção da imagem do destino no ambiente digital (Rifkin, 2001).

Como destaca Pérez (2009), a interpretação configura-se como instrumento de planejamento territorial e de definição de políticas de uso social do patrimônio cultural. Trata-se de um processo que exige reconhecer valores que ultrapassam os registros da história oficial, sendo construído a partir das relações estabelecidas com a população local e da compreensão de seu cotidiano, saberes e práticas culturais.

O turismo em Alagoas é uma atividade voltada principalmente para o litoral e para o acesso às praias paradisíacas do estado. No entanto, em regiões distantes do litoral, é comum que outros cenários sejam explorados, como o turismo adotado em cidades como Marechal Deodoro, Penedo, Piranhas, entre outras localidades mais afastadas da grande capital, Maceió.

Em Maceió, pode-se encontrar outras atrações culturais e museológicas no antigo bairro de Jaraguá. Entre estas, observa-se o Museu da Imagem e do Som; a Associação Comercial de Alagoas; a sede do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na cidade; o Museu Théo Brandão; entre outros.

Além destas atrações culturais, pode-se observar a permanência de localização para comércio do artesanato local, como o Pontal da Barra; o Mercado 31 em Jaraguá; a Feirinha do Artesanato na Pajuçara; e o Pavilhão do Artesanato, a frente desta última. Em alguns períodos do ano, como Carnaval e São João, a cidade recebe um tratamento visual específico oriundo do governo, a fim de atrair e encantar os visitantes.



Um dos mais acessíveis e interativos espaços na cidade de Maceió, enquanto instituição histórica e cultural, é o Centro de Cultura e Memória. Localizado no Tribunal de Justiça de Alagoas, no bairro do Centro de Maceió, é um espaço com proposta interativa e imersiva, atraente para o público local e visitantes de outras regiões.

Como é possível observar (Figura 20), o espaço é climatizado, possui tratamento acústico e lumínico, segurança, além de oferecer acompanhamento para as exposições através de mediação, assim como conta com uma versão virtual do acervo permanente. O espaço virtual pode ser acessado pelo portal da memória, disponível no site do Centro de Cultura e Memória, e conta com uma visão em 360°, capaz de proporcionar aos visitantes uma experiência mais imersiva e conectada com a realidade do espaço.

Figura 20 - Fotografia do acervo da história da escrita, disposto no Centro de Cultura e Memória do Tribunal de Justiça de Alagoas, em Maceió, Alagoas.



Fonte: Matéria intitulada “Exposição do TJAL sobre a história da escrita está exposta em Belo Horizonte”, disponível em <memoria.tjal.jus.br/>. Acesso em 16 de março de 2026.

A seguir, tratou-se mais como o emprego de plataformas digitais que promovem interação para equipamentos culturais como museus e outras instituições culturais.

2.4. Plataformas digitais interativas de equipamentos culturais

Os museus configuram-se como importantes atrativos turísticos, uma vez que concentram parte significativa do conhecimento e das experiências culturais buscadas pelos visitantes durante suas viagens.

Nesse sentido, essas instituições não atraem apenas o público local, mas também despertam o interesse daqueles que chegam a um destino turístico e procuram compreender sua identidade cultural e seus principais referenciais simbólicos (Rodrigues, 2001).

Historicamente, os museus possuem estreita relação com o turismo cultural, sendo reconhecidos como alguns dos primeiros espaços visitados pelos turistas em busca de contato com a cultura local. As atrações vinculadas ao turismo cultural, entre elas os museus, apresentam elevado potencial para a geração de demanda turística. Em muitos destinos, a presença de museus integra naturalmente os roteiros de visitação, tornando-se elemento estruturante da experiência turística (Rodrigues, 2001).

Assim, determinados lugares passam a ser fortemente associados às suas instituições museológicas, que se consolidam como centros de convergência de visitantes. Segundo o Conselho Internacional de Museus, existem mais de 55 mil museus em todo o mundo (ICOM, 2017), evidenciando a relevância global dessas instituições.

Dessa forma, os museus assumem papel estratégico nas sociedades contemporâneas, contribuindo não apenas para a preservação cultural, mas também para o crescimento econômico, especialmente por meio do turismo cultural. Em determinados contextos, essas instituições exercem influência catalisadora no desenvolvimento turístico regional, podendo inclusive determinar a consolidação de destinos turísticos (Plaza, 2000).

No Brasil, a relevância dos museus como atrativos turísticos segue tendência semelhante. Segundo Plaza (2000), o país possui mais de três mil instituições museológicas, muitas das quais desempenham papel importante no desenvolvimento do turismo cultural regional. Assim, visitar museus constitui frequentemente uma das primeiras atividades planejadas pelos turistas interessados em vivenciar a cultura local (Barretto, 2008).



Paralelamente à ampliação de sua função turística, os museus vêm passando por transformações significativas em sua concepção institucional. Essas instituições deixaram de ser compreendidas exclusivamente como espaços de exposição de objetos para se consolidarem como ambientes de aprendizagem, entretenimento e experiência cultural (Rodrigues, 2001). Nesse processo, os museus tornam-se progressivamente menos contemplativos e mais participativos, estimulando o envolvimento ativo dos visitantes.

Uma das estratégias adotadas para ampliar o engajamento do público foi a incorporação da interatividade nas exposições. Museus de ciência destacam-se como pioneiros nesse movimento, especialmente o *Exploratorium* (Figura 21), fundado em 1969, em São Francisco. O idealizador do *Exploratorium*, Frank Oppenheimer, buscava tornar fenômenos naturais acessíveis ao público geral (Barretto, 2008).

Figura 21 - Fotografia do interior do museu Exploratorium, em São Francisco, nos Estados Unidos da América.



Fonte: Fotografia disponível em <exploratorium.edu/rentals/full-facility-gallery-bundles>. Acesso em 16 de março de 2026.

No campo museológico, a interatividade estabelece uma relação dinâmica entre visitante e exposição, favorecendo processos comunicacionais mais eficazes. Nesse contexto, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) passaram a

desempenhar papel central na renovação das práticas museológicas (Hughes & Moscardo, 2017).

A incorporação de recursos tecnológicos possibilita novas formas de mediação cultural, amplia a aprendizagem dos visitantes e contribui para a atração de novos públicos. Assim, o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) configura-se como tendência contemporânea da museologia, permitindo experiências mais participativas e imersivas (Hughes & Moscardo, 2017).

Essa transformação relaciona-se ao conceito de museu participativo proposto por Simon (2010), que compreende o visitante como usuário ativo, capaz de produzir significados e colaborar na construção das experiências museais. O chamado *Museu 2.0* baseia-se em três princípios fundamentais: (1) centralidade do usuário; (2) construção individual de significados culturais; e (3) participação do público na dinâmica expositiva (Simon, 2010).

Nesse cenário, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) ampliam as possibilidades de difusão do patrimônio cultural ao diversificar as formas de apresentação e compartilhamento de conteúdo, permitindo experiências antes inviáveis no ambiente museológico tradicional. Embora a inserção dos museus na internet tenha ocorrido de maneira relativamente tardia, observa-se crescente utilização do ambiente digital como estratégia de comunicação, promoção institucional e mediação cultural (Simon, 2010).

Atualmente, grande parte dos museus possui presença online, seja por meio de blogs, sites institucionais ou plataformas interativas, frequentemente denominadas museus virtuais. Esses ambientes digitais permitem não apenas a divulgação institucional, mas também auxiliam o visitante no planejamento da visita presencial, oferecendo informações prévias sobre acervos e exposições (Henriques, 2004).

Segundo Henriques (2004), os museus no ambiente virtual podem ser classificados em três categorias: a primeira corresponde ao (1) museu-folheto eletrônico, cuja função principal é apresentar informações institucionais básicas, funcionando como instrumento de comunicação e marketing; a segunda categoria refere-se ao (2) museu no mundo virtual, que disponibiliza conteúdos mais aprofundados, visitas virtuais e acesso ampliado aos acervos, inclusive exposições já desmontadas fisicamente; por fim, a terceira categoria corresponde aos (3)



museus verdadeiramente interativos, nos quais a interatividade constitui elemento central da experiência digital.

No caso dos museus verdadeiramente interativos, o ambiente virtual não apenas replica o museu físico, mas atua como extensão complementar da instituição, oferecendo novas formas de interação e participação do público, mantendo, contudo, os mesmos objetivos institucionais (Henriques, 2004).

Um exemplo de museu verdadeiramente interativo é o Museu Catavento (Figura 22), em São Paulo, inaugurado em 2009. O museu conta com quatro sessões interativas, voltadas para o ensino de ciências. O museu ainda disponibiliza um acervo de exposições virtuais, acessíveis no site do mesmo. Uma das sessões, a Universo, já realizou a exposição *Uma aventura no sistema solar*, que contava com a proposta de uma sala simulando uma nave espacial, para que o visitante fosse convidado a ser um astronauta, conhecendo o lado oculto da lua, realizando reparos no telescópio Hubble e desvendando mistérios do universo (Figura 23).

Figura 22 - Museu Catavento em São Paulo, no estado de São Paulo.



Fonte: Fotografia disponível em <museucatavento.org.br/quem-somos>. Acesso em 16 de março de 2026.

Figura 23 - Exposição Aventura no Sistema Solar no Museu Catavento em São Paulo, no estado de São Paulo.



Fonte: Fotografia disponível em <museucatavento.org.br/universo>. Acesso em 16 de março de 2026.

No Nordeste, na capital de Sergipe, Aracaju, desde 2011, há o primeiro museu multimídia interativo das regiões Norte e Nordeste, o Museu da Gente Sergipana (Figura 24). Com instalações que possuem uma série de recursos tecnológicos, o visitante é incentivado a mergulhar na história de Sergipe e dos sergipanos. Além de conhecer a riqueza do patrimônio cultural material e imaterial do estado, como a arte dos mamulengos (teatro de bonecos), os visitantes podem interagir com o feirante “Josevende”, que oferece seus produtos e mercadorias, um exemplo de como estes espaços também podem incluir o estímulo ao comércio local.

Figura 24 - Museu da Gente Sergipana, em Aracaju, Sergipe.



Fonte: Fotografia disponível em <museudagentesergipana.com.br/museu>. Acesso em 16 de março de 2026.

Figura 25 - Seção Seu Cordel, no Museu da Gente Sergipana, em Aracaju, Sergipe.



Fonte: Fotografia disponível em <institutomarcelodeda.com.br/museu-da-gente-sergipana-e-destaque-na-revista-galileu/>. Acesso em 16 de março de 2026.



Na sessão Seu Cordel (Figura 25), no Museu da Gente Sergipana, o visitante é convidado a gravar seu próprio cordel como se estivesse em um karaokê, uma forma interativa e atrativa para todos os públicos. Estes são apenas alguns exemplos de como ideias criativas e propostas viáveis financeiramente podem mudar e melhorar a experiência dos visitantes nos museus brasileiros.

A seguir, explorou-se mais a fundo a discussão sobre os desafios e as tendências no país acerca de propostas de inovação e acessibilidade através do emprego de plataformas digitais interativas em espaços de cultura, educação e entretenimento como museus.

2.5. Os desafios e tendências no Brasil diante da inovação e da acessibilidade das plataformas digitais interativas

A sociedade contemporânea tem sido marcada por profundas transformações associadas à ampliação do acesso à comunicação e à informação. Entre essas mudanças, destaca-se o surgimento e a consolidação da internet, que possibilitou aos usuários acesso imediato a conteúdos diversos, além de maior autonomia na construção de processos de aprendizagem e interação social.

Por meio de ambientes virtuais, tornou-se possível visitar diferentes espaços, compartilhar ideias e interagir tanto com pessoas quanto com contextos culturais distintos, ampliando significativamente as formas de experiência mediadas pela tecnologia. Com a expansão da internet, multiplicaram-se também as formas de acesso ao conhecimento, levando diferentes instituições educacionais e culturais a transpor parte de suas experiências para o ambiente digital.

Nesse contexto, os museus passaram a integrar progressivamente o espaço virtual. Conforme afirma Henriques (2004), como qualquer instituição, museus estão presentes na internet, sendo que a criação de sites institucionais se intensificou a partir da década de 1990, acompanhando o avanço das tecnologias digitais. A partir desse movimento, tornou-se comum denominar tais espaços digitais como museus virtuais, ainda que o termo seja empregado de maneiras diversas e, por vezes, imprecisas. Ou seja, nem sempre um museu conectado à internet é um museu virtual.

Observa-se, portanto, a existência de uma multiplicidade terminológica relacionada aos museus disponíveis na internet. Diferentes denominações como ciber museus, museus eletrônicos, museus on-line, museus digitais ou museus na



internet, são frequentemente utilizadas de forma sobreposta ou até contraditória (Henriques, 2004).

Svilicic (2010) destaca justamente a ausência de uma abordagem conceitual padronizada, questionando se tais termos podem ser considerados sinônimos e apontando que não foi encontrada uma definição clara do momento temporal da aparição da instituição museu na internet. Essa indefinição conceitual evidencia a necessidade de aprofundamento teórico sobre o tema.

Diante do cenário da investigação sobre a integração entre os museus e a internet, emerge a discussão sobre o que define um museu virtual. Tal discussão ganha relevância ainda maior quando considerada à luz do contexto pandêmico provocado pela Covid-19, que agravou a reflexão acerca de como o entretenimento, a cultura e a educação podem ser acessíveis de formas não presenciais.

Nesse contexto de restrições presenciais, os museus virtuais passaram a adquirir maior visibilidade e relevância social, tanto no campo educacional quanto no acadêmico. O fechamento físico das instituições impulsionou debates sobre alternativas digitais de acesso ao conhecimento, fenômeno igualmente observado no campo educacional, com a ampliação das discussões acerca do ensino remoto (Henriques, 2004).

Conforme afirma Aksoy (2020), presidente do *International Council of Museums* (ICOM), paradoxalmente, mesmo com suas portas fechadas, os museus tornaram-se mais acessíveis do que nunca por meio da oferta ampliada de tours virtuais, coleções digitais e conteúdos on-line.

Considerando a internet e as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como elementos fundamentais para o surgimento dessa tipologia museológica, Cazaux (2019) destaca que museus virtuais são oriundos da era da internet, uma vez que tais tecnologias introduziram novas possibilidades de acesso cultural e informacional no cotidiano social.

No campo educacional, pesquisas também têm evidenciado o potencial das tecnologias digitais para ampliar oportunidades de aprendizagem e motivação dos estudantes. Nesse sentido, a disponibilização de conteúdos culturais em ambiente digital torna-se estratégica, permitindo acesso independentemente de limitações temporais ou geográficas. A internet contribui, assim, para aproximar museus e sociedade, despertando interesse prévio dos usuários e incentivando futuras visitas presenciais (Cazaux, 2019).



A compreensão do conceito de virtual constitui etapa fundamental para o entendimento dos museus virtuais. Cazaux (2019) aponta que o termo deriva do latim *virtualis*, relacionado à ideia de potência ou possibilidade, sendo o virtual oposto do atual e não do real.

Na perspectiva da cibercultura, o autor define o ciberespaço como o novo meio de comunicação resultante da interconexão mundial dos computadores, abrangendo tanto a infraestrutura tecnológica quanto o universo informacional e os sujeitos que nele interagem (Cazaux, 2019).

Os mundos virtuais podem ser classificados em: (1) ambientes off-line, restritos a instalações específicas, e (2) ambientes on-line, acessíveis em rede e abertos à interação coletiva, ambos compreendidos como dimensões complementares.

Ao refletir sobre museus virtuais, Cazaux (2019) já apontava, no início do século XXI, a necessidade de considerar a participação ativa dos usuários, sugerindo a criação de espaços virtuais passíveis de exploração e atualização por seus próprios visitantes. Tal perspectiva antecipa práticas contemporâneas de imersão e interação digital observadas atualmente.

Nesse contexto, a interatividade assume papel central, uma vez que ambientes virtuais demandam navegação, participação e envolvimento ativo do usuário. Assim, os museus virtuais não devem ser compreendidos como substitutos dos museus físicos, mas como extensões capazes de ampliar suas possibilidades comunicacionais e educativas (Cazaux, 2019).

Cazaux (2019) distingue, ainda, duas abordagens principais: (1) museus virtuais criados exclusivamente para o ambiente digital; e (2) aqueles que representam versões digitalizadas de museus físicos, incorporando recursos como imagens, vídeos e exposições on-line.

O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) define museu virtual como uma instituição cujas ações museológicas ocorrem exclusivamente em ambiente digital, com acervo composto por bens não materiais. Entretanto, tal definição não é consensual, sendo contestada por autores como Henriques (2004), que compreende o museu virtual como uma dimensão complementar ao museu físico, capaz de desenvolver ações museológicas específicas no ambiente digital.

No âmbito das transformações tecnológicas e culturais contemporâneas, Henriques (2004) argumenta que os museus precisam adaptar-se a uma nova



relação entre público, arte e informação, marcada por maior dinamismo e interação. O autor denomina de museu web todas as experiências museológicas na internet, classificando-as em três tipos: (1) conteúdos estáticos on-line; (2) museus concebidos para o ambiente digital; e (3) museus que existem exclusivamente na rede, explorando plenamente suas possibilidades interativas.

De modo semelhante, Cazaux (2019) propõe quatro categorias de museus na internet: (1) o museu brochura, voltado à informação básica; (2) o museu de conteúdo, com materiais mais aprofundados; o (3) museu de aprendizagem, estruturado pedagogicamente; e (4) o museu virtual propriamente dito, caracterizado pela integração de coleções e ampliação do acesso para públicos que talvez nunca visitem o espaço físico.

Henriques (2004) reforça que nem todo site institucional pode ser considerado um museu virtual, destacando que este deve configurar-se como um espaço de mediação cultural, promover relações entre patrimônio e usuários e desenvolver ações museológicas efetivas no ambiente virtual. Dessa forma, o museu virtual caracteriza-se menos pela presença na internet e mais pela qualidade das interações e práticas museológicas que nele se estabelecem.

No caso da Pinacoteca universitária da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), a interatividade além da contemplação é algo necessário, visto que o engajamento, após o longo período de fechamento do espaço, decaiu significativamente. Apesar das várias tentativas de manter o espaço ativo e interessante para os visitantes, estimulando o engajamento destes por meio de mídias sociais como Instagram, o resultado final não se compara ao número de visitantes e a reciprocidade destes no período em que a Pinacoteca estava aberta com espaço de três grandes salões para exposição.

Considerando os aspectos abordados na contextualização, apresenta-se a seguir a metodologia adotada no desenvolvimento da presente pesquisa, tendo em vista as limitações temporais e econômicas da mesma.



3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida mediante de uma pesquisa bibliográfica, documental e estudo de caso. Utilizou-se a abordagem qualitativa e quantitativa com os objetivos exploratório e investigativo de natureza básica. Foi aplicado um questionário aos sujeitos da pesquisa para as análises dos dados.

Considera-se também a pesquisadora desenvolvedora desta como sujeito participante, visto que a mesma possui ligação direta com a instituição avaliada e objeto de estudo do processo investigativo, a Pinacoteca universitária da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Como esta pesquisa envolve o levantamento bibliográfico, emprego de questionário e análise de similar a fim de estimular a compreensão acerca do tema abordado, ela pode ser considerada uma pesquisa documental e estudo de caso (Gil, 2007).

Para Fonseca (2002), este tipo de pesquisa é realizado a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas. Segundo o autor, todo trabalho científico começa com uma pesquisa bibliográfica, permitindo ao pesquisador aprofundar-se no assunto investigado. No entanto, existem também pesquisas científicas que se baseiam exclusivamente no levantamento bibliográfico, através de referências publicadas a fim de reunir informações ou conhecimentos anteriores sobre o problema de pesquisa (Fonseca, 2002).

De acordo com Gil (2007), a modalidade de pesquisa conhecida como estudo de caso é comumente utilizada nas ciências sociais e das investigações pedagógicas.

Segundo Gil (2007), este tipo de pesquisa pode ser caracterizado com o enfoque definido em um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. No caso da presente pesquisa, o estudo de caso está focado na Pinacoteca Universitária da UFAL. Conforme preconiza Gil (2007), este tipo de pesquisa tem por objetivo aprofundar o conhecimento sobre determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.

Fonseca (2002), por sua vez, trata o estudo de caso como uma investigação interpretativa, buscando compreender como é o mundo do ponto de vista dos

participantes, visando apresentar uma perspectiva mais completa e coerente pelo ponto de vista da investigação.

3.1. Descrição das etapas

A pesquisa apresenta o desenvolvimento em duas grandes fases macro: (1) Investigação e Planejamento; e (2) Análises e Discussão.

A macro fase de Investigação e Planejamento consistiu no desenvolvimento da Contextualização, apresentada anteriormente, considerando os aspectos que permeiam o conteúdo base da pesquisa e o cenário brasileiro acerca da criação de um espaço virtual em prol da interatividade e da qualidade da informação museológica difundida. Foram explorados os tópicos: (1) educação patrimonial; (2) o que é a Pinacoteca; (3) Turismo em Alagoas; (4) Plataformas digitais interativas de equipamentos culturais; e (5) os desafios e tendências no Brasil diante da inovação e da acessibilidade das plataformas digitais interativas.

A macro fase de Análises e Discussão consiste na apresentação das análises qualitativas, quantitativas e comparativas, considerando os dados obtidos por meio da aplicação de questionário e da tabulação comparativa entre a Pinacoteca e o Centro de Cultura e Memória em Maceió, Alagoas.

3.2. Análise qualitativa e quantitativa

A fim de diagnosticar os fatores que limitam a visibilidade do acervo e o engajamento do público com a Pinacoteca Universitária da UFAL, realiza-se análises qualitativas e quantitativas, aplicando questionário online para o público nacional.

De acordo com Bardin (2016), a análise mista funciona como uma ferramenta metodológica robusta e amplamente reconhecida em pesquisas no campo da educação. Deste modo, a presente pesquisa buscou captar percepções e significados de modo detalhado e estruturado, de acordo com a linha de investigação apresentada.

Neste processo, Bardin (2016) convida o pesquisador a investigar dois caminhos convergentes, o da análise quantitativa e o da qualitativa, com enfoque no sentido da comunicação e na transmissão dos dados entre os participantes da pesquisa. Bardin (2016) também defende que o rigor metodológico da pesquisa é determinado através da descrição clara do caminho da investigação a fim de alcançar os objetivos justificados na apresentação desta.



Para Gil (2007), a investigação é definida como um processo racional, intencional e estrutura que busca respostas com o objetivo de oferecer explicações a um problema observado. Deste modo, compreende-se que a investigação é a pesquisa, a possibilidade de qualificar e quantificar a fim de descobrir e produzir novas informações através da análise dos dados disponíveis.

Este questionário foi criado como um instrumento de pesquisa para o levantamento de dados sobre o interesse e consumo do público diverso, sem demografia específica, em educação em museu, especificamente considerando o caso da Pinacoteca Universitária da UFAL.

O questionário está dividido em 3 blocos: (1) Identificação do público; (2) Consumo de conteúdo e visitas a museus; e (3) Conhecimento sobre a Pinacoteca Universitária da UFAL.

Não foram coletados nomes e/ou nenhuma informação específica que possa identificar os sujeitos ao responderem o questionário, de modo a preservar o anonimato dos participantes.

O tratamento das informações coletadas seguiu estritamente a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei nº 13.709/2018). Isso significa que os dados pessoais coletados foram utilizados apenas para os fins descritos, com acesso restrito e seguro; não compartilhados com terceiros fora das finalidades legais e institucionais. O questionário pode ser conferido, na íntegra, no Apêndice 1.

3.3. Análise comparativa

A fim de propor o desenvolvimento de uma plataforma digital interativa que possa promover experiências de aprendizado e a curadoria virtual do acervo da Pinacoteca Universitária da UFAL, realizou-se a tabulação das características de interatividade observadas através de visita técnica ao Centro de Cultura e Memória, no Centro da cidade de Maceió, em Alagoas, comparando-o com a proposta da nova Pinacoteca universitária, no Espaço Cultural, na mesma cidade.

Foram avaliados os seguintes aspectos: (1) Atendimento ao público, considerando horário de atendimento ao público; mediação profissional e/ou treinada; possibilidade de visitas de grupos; mediação que oferece acessibilidade à pessoa com deficiência (PCDs). A (2) Infraestrutura, considerando o acesso público; acesso a banheiros; acesso a bebedouros; sinalização do espaço; oferecimento de acessibilidade arquitetônica à pessoa com deficiência (PCDs). A (3) Interatividade,



considerando a presença ativa em redes sociais; exposições interativas com o público; e o emprego de recursos técnicos que possibilitam a interatividade do público com o acervo. E o (4) Acesso virtual, considerando a existência de site próprio institucional; o acervo de exposições realizadas; e a possibilidade de agendamento de visitas.

Infelizmente, apesar dos dados obtidos com o desenvolvimento da presente pesquisa, não foi possível avaliar o impacto da proposta da plataforma de acordo com as necessidades e expectativas dos indivíduos que fazem parte do público-alvo da Pinacoteca Universitária da UFAL, pois a plataforma não chegou a ser executada. No entanto, foi possível apresentar o diagnóstico oriundo desta pesquisa para que, futuramente, tal plataforma seja executada de forma viável e eficaz.

A seguir, apresenta-se os resultados das análises descritas na metodologia e suas respectivas discussões, oriundos da interpretação dos dados obtidos com as ferramentas de análise aplicadas (questionário e tabulação comparativa).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo, foram apresentados os resultados e discussões referentes a estes. Foram apresentados os dados obtidos através da análise do perfil do público alvo da investigação; sobre o consumo de conteúdo e visitas a museus pelo público alvo; sobre o conhecimento deste público acerca da Pinacoteca universitária da UFAL; dados da comparação de aspectos técnicos entre a Pinacoteca e o Centro da Cultura e Memória, ambos em Maceió, Alagoas, após visita técnica; e informações oriundas de entrevista com o atual diretor da Pinacoteca Universitária, Victor Sarmiento Souto.

4.1. Perfil do público alvo

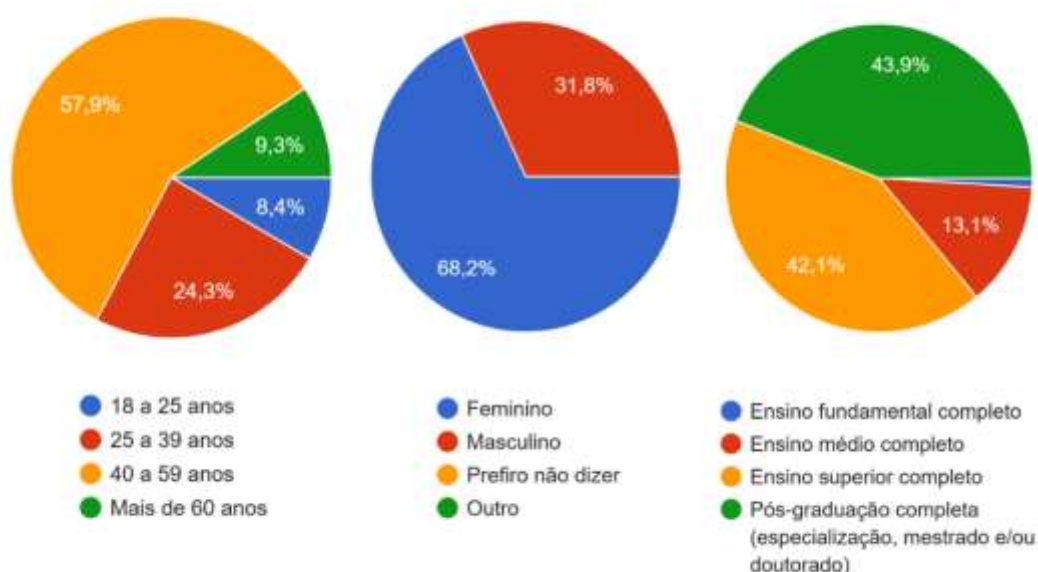
Como é possível observar na figura 26 abaixo, na amálgama de gráficos resultantes da aplicação de questionário online com a participação de 107 indivíduos, o perfil do público investigado apresenta maioria com faixa etária entre 40 a 59 anos; é feminino; e possui algum tipo de pós graduação, seja ela especialização, mestrado e/ou doutorado.

É pertinente salientar, todavia, que a minoria do público abordado apresenta a menor faixa etária disponível no questionário, sendo de 18 a 25 anos; é masculino; e possui apenas o ensino fundamental completo.

Analisar estas informações do tipo de perfil dos participantes é relevante, pois pode nos levar a novas indagações, como, por exemplo, tentar entender e descobrir por qual motivo os museus não são frequentados pelos mais jovens, rapazes e com menor grau de escolaridade; e como o espaço do museu poderia se tornar interessante para este tipo de público também.

Além deste resultado, observa-se também que 24,3% são de pessoas com faixa etária entre 25 a 29 anos; e 9,3% dos participantes possuem mais de 60 anos, considerados idosos por lei. Em relação ao nível de escolaridade dos participantes, 0,9% afirmou ter apenas o ensino fundamental completo; 13,1% possui até o ensino médio completo; enquanto que 42,1% possui até o ensino superior completo.

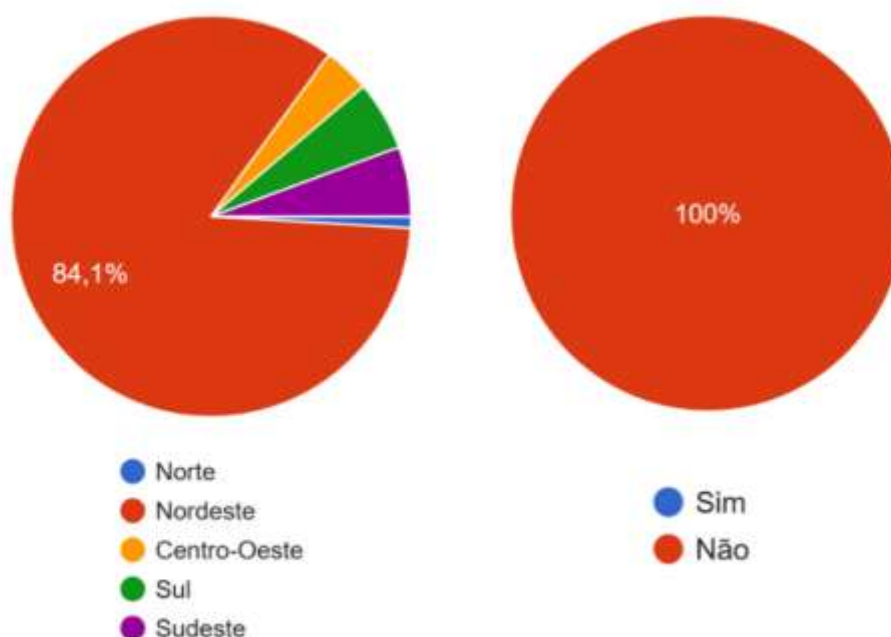
Figura 26 - Qual a sua faixa etária, gênero e nível de escolaridade.



Fonte: Acervo próprio, 2026.

Na figura 27, pode-se observar o gráfico (à esquerda) que aborda a distribuição geográfica dos participantes do questionário. De acordo com a pesquisa, 84,1% foram indivíduos participantes são da região Nordeste; 5,6% são da região Sul; 5,6% são da região Sudeste; 3,7% são do Centro-Oeste; 0,9% são do Norte. No levantamento realizado, foi observado também que todos os participantes não possuem nenhum tipo de deficiência (gráfico à direita), de acordo com as opções que foram apresentadas no Apêndice 1.

Figura 27 – Dados da demografia geográfica e acessibilidade dos participantes.



Fonte: Acervo próprio, 2026.

Infelizmente, não foi possível observar o aspecto da acessibilidade através da experiência individual dos participantes, pois nenhum deles afirmou possuir algum tipo de deficiência. No entanto, fala-se sobre este aspecto mais à frente.

A seguir, tratou-se de abordar as características dos participantes acerca do consumo de conteúdo e visitas a museus.

4.2. Consumo de conteúdo e visitas a museus

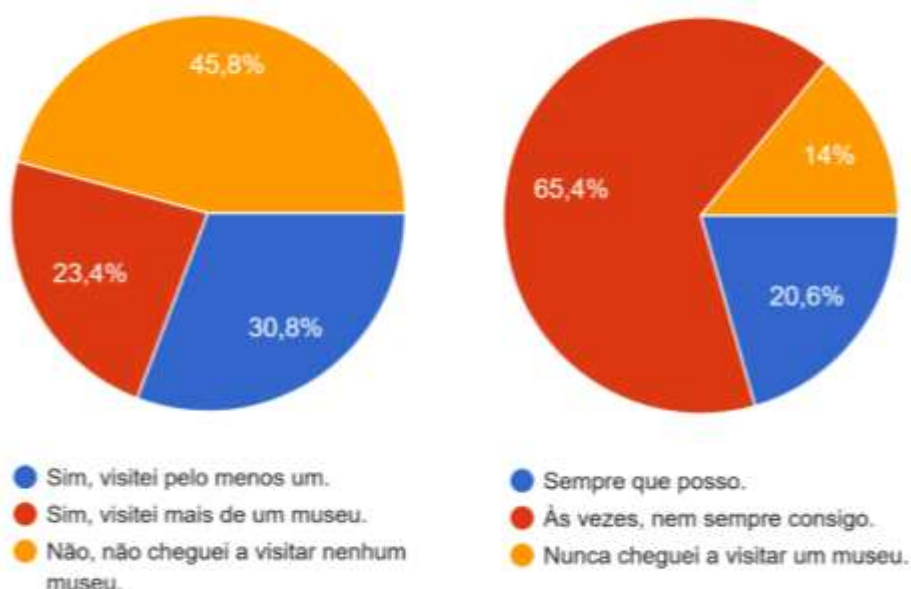
O consumo de conteúdo e visitas a museus foi um tópico do questionário aplicado que foi desenvolvido para investigar o hábito, ou a ausência dele, dos participantes em consumirem e/ou visitarem instituições museológicas.

Entre as tipologias de instituições apresentadas aos participantes, observam-se: (1) Conteúdo de Arte, focados em expressões artísticas como pintura, escultura, fotografia e instalações; (2) Conteúdo de História, exposição do passado de povos, regiões ou eventos específicos; (3) Conteúdo de Ciência e Tecnologia, ensino e a divulgação científica, muitas vezes com exposições interativas; (4) Conteúdo de

História Natural/Ciências Naturais, dedicado à história da vida na Terra, como zoologia, botânica e geologia; (5) Conteúdo Antropológico/Etnográfico, apresenta a diversidade cultural, social e biológica humana, com artefatos e tradições; (6) Conteúdo Biográficos, focam na vida e obra de uma pessoa específica, como um artista ou figura histórica; (7) Conteúdo Temáticos, especializados em um único tema, como futebol, língua portuguesa, música, etc.; (8) Conteúdo Ecológico e Comunitário, integrados ao território, valorizam a memória e o ambiente local, com forte participação da comunidade; (9) Conteúdo de Zoológicos, Aquários e Jardins Botânicos, considerados "coleções vivas", são museus que expõem seres vivos e ecossistemas; (10) Conteúdo Virtual, existentes inteiramente no ambiente digital, sem um espaço físico tradicional; e (11) Conteúdo de Cidades, focados na história e identidade de uma localidade específica.

Ao serem questionados sobre a frequência com a qual visitaram algum museu no ano passado, 45,8% dos participantes responderam que não chegaram a visitar nenhum museu, enquanto que 30,8% responderam que visitaram ao menos um museu, e apenas 23,4% afirmaram ter visitado mais de um museu (Figura 28).

Figura 28 – Dados sobre a frequência de visitas dos participantes a museus.



Fonte: Acervo próprio, 2026.

Além dos dados observados acerca das visitas dos participantes a museus no ano passado, eles foram questionados também sobre o hábito deles, de modo geral, sobre desejarem visitar museus. Diante deste questionamento, 65,4% dos participantes afirmaram possuir o desejo de visitar museus, mas nem sempre conseguem realizá-lo; 20,6% responderam que visitam museus sempre que podem; e apenas 14% dos participantes afirmou que nunca chegaram a visitar um museu, um dado que, apesar de inferior aos demais, é preocupante dada a importância cultural, social e econômica que as instituições museológicas possuem.

É importante destacar que, conforme afirmou Henriques (2004), o fechamento das instituições, interrompendo as visitas presenciais, impulsionou o debate acerca do acesso digital, considerando a ampliação do acesso ao conhecimento e da discussão sobre o ensino remoto. Desse modo, pode-se considerar que o acesso remoto ao conteúdo destes museus não visitados presencialmente pelo público possa ser ampliado de forma remota, ampliando, inclusive, a acessibilidade do mesmo.

Plaza (2000) também concorda com esta visão, e defende que, em certos cenários, essas instituições devem ser observadas com atenção, pois possuem influência no desenvolvimento turístico regional. Neste aspecto, é importante salientar que algumas cidades com museus já fazem parte de um grupo de destinos turísticos no decorrer de todo o ano, como é o caso da capital alagoana.

Rodrigues (2001) destacou, inclusive, que tais instituições não atraem apenas o público da região, mas podem atuar como um destino turístico, o que não é o caso dos museus em Alagoas e, principalmente, na capital, visto que a maioria deles sequer se encaixa no trajeto de visitas turísticas.

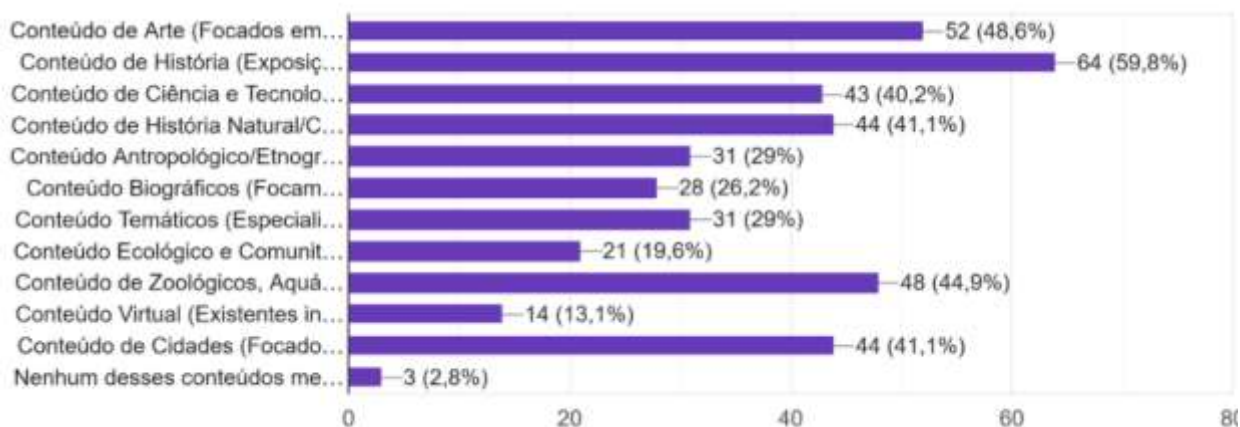
Beni (2004), por sua vez, defendeu a diferença histórica entre o turismo em museus no século passado para o século XXI, explicando que o interesse do público mudou, consolidando-se com o mercado turístico e em busca, cada vez maior, de conforto, acessibilidade e imersão na experiência de visitar um museu.

Ao comparar ambos os gráficos da figura 28, pode-se observar que existe o desejo na maioria dos participantes da pesquisa em visitar museus, mas que, na prática, tal desejo não seja a ser concretizado, o que pode nos levar a outros desdobramentos, considerando a natureza investigativa desta pesquisa e a



necessidade contemporânea de inovação, imersão e acessibilidade nas instituições museológicas nacionais.

Figura 29 – Dados sobre a tipologia de museus que os participantes preferem.



Fonte: Acervo próprio, 2026.

De acordo com os dados observados na figura 29, 60,2% dos entrevistados possui preferência por museus de Conteúdo de História, exposição do passado de povos, regiões ou eventos específicos; 49,1% preferem Conteúdo de Arte, focados em expressões artísticas como pintura, escultura, fotografia e instalações; 44,4% preferem Conteúdo de Zoológicos, Aquários e Jardins Botânicos, considerados "coleções vivas", são museus que expõem seres vivos e ecossistemas; 41,7% preferem Conteúdo de Cidades, focados na história e identidade de uma localidade específica, e Conteúdo de História Natural/Ciências Naturais, dedicado à história da vida na Terra, como zoologia, botânica e geologia; 40,7% preferem Conteúdo de Ciência e Tecnologia, ensino e a divulgação científica, muitas vezes com exposições interativas; 29,6% preferem Conteúdo Antropológico/Etnográfico, apresenta a diversidade cultural, social e biológica humana, com artefatos e tradições; 28,7% preferem Conteúdo Temáticos, especializados em um único tema, como futebol, língua portuguesa, música, etc.; 26,9% preferem Conteúdo Biográficos, focam na vida e obra de uma pessoa específica, como um artista ou figura histórica; 20,4% preferem Conteúdo Ecológico e Comunitário, integrados ao território, valorizam a memória e o ambiente local, com forte participação da comunidade; 13,9% preferem Conteúdo Virtual, existentes inteiramente no ambiente digital, sem um espaço físico

tradicional; e 2,8% dos participantes afirmaram preferir nenhum dos conteúdos citados anteriormente.

De acordo com os dados observados, pode-se aferir que o conteúdo virtual, sendo um dos últimos em questão de preferência dos participantes da presente pesquisa, não é interessante, de modo que um museu que apresenta apenas seu acervo em um ambiente digital não é capaz de despertar o interesse dos visitantes tanto quanto um museu físico que não possui recursos digitais e imersivos, por exemplo.

Apesar de Hughes & Moscardo (2017) defenderem que o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) é uma tendência contemporânea nos museus, Simon (2010) também aponta que o visitante age como um usuário ativo, produzindo significados e colaborando na construção da experiência.

Simon (2010) explica que os museus contemporâneos se baseiam nos princípios de (1) centralidade do usuário; (2) construção individual de significados culturais; e (3) participação do público na dinâmica expositiva. O ambiente digital, no entanto, tem sido usado como estratégia de comunicação e promoção da instituição, mas a construção de um espaço digital imersivo é algo diferente.

Henriques (2004) explica como os museus em ambiente digital podem ser classificados em três modelos: (1) museu-folheto eletrônico – com informações institucionais básicas, funcionando como instrumento de comunicação e marketing; (2) museu no mundo virtual - disponibilizando conteúdos mais aprofundados, visitas virtuais e acesso ampliado aos acervos; e (3) museus verdadeiramente interativos - a interatividade é elemento central da experiência.

Ou seja, um museu verdadeiramente interativo digitalmente é algo que deveria ser preconizado pelas instituições ao adaptarem o acervo físico ao acesso digital, proporcionando experiências atrativas aos visitantes, ainda que remotamente.

Henriques (2004) ainda defende que estes espaços digitais não funcionam apenas como ferramenta de divulgação institucional, mas podem auxiliar visitantes para o planejamento para uma visita presencial, permitindo o acesso de informações sobre o acervo e exposições.

Além dos dados observados nos gráficos, os participantes foram questionados se conseguiam lembrar de alguma visita ao museu que foi uma boa



experiência para eles e/ou seus amigos/familiares. Algumas respostas foram objetivas, como “sim” e “não”, e outras foram mais dissertativas.

Entre alguns dos relatos dissertativos, destaca-se:

Acho que o que eu achei **mais interativo** (nosso destaque) foi o museu Itaipu em Foz do Iguaçu, que fui com meus amigos, porque além das artes expostas, haviam **sessões de um filme** (nosso destaque) explicando as histórias dos povos nativos antes de ver o acervo, o que deixava ainda mais interessante ver a exposição sabendo todo o contexto.

(Relato de um dos participantes, coletado para esta pesquisa através de questionário aplicado em janeiro e fevereiro de 2026).

Os participantes, em alguns relatos, destacam como a experiência positiva em museus que foram visitados está atrelada a uma experiência imersiva e interativa. Este tipo de experiência também pode ser observado no relato a seguir:

Lembro de várias visitas marcantes. O Museu da Imigração, em São Paulo, foi impactante **pela riqueza histórica de seus objetos e vídeos com depoimentos** (nosso destaque). O Masp e a Pinacoteca de São Paulo também me emocionam muito por conta de suas exposições e coleções de longa duração de arte brasileira. O Museu de Arqueologia de Xingó surpreendeu muito porque revelou conhecimentos desconhecidos pra mim sobre nossos antepassados que viveram há muitos anos na proximidade do rio São Francisco. Fora do país, o Museu do Prado, em Madri, me impactou muito por ver de perto obras artísticas que via nos livros e tinha muita vontade de ver de perto. Em Alagoas, sempre gostei de acompanhar as exposições temporárias da Pinacoteca Universitária e gosto muito de visitar museus do interior.

(Relato de um dos participantes, coletado para esta pesquisa através de questionário aplicado em janeiro e fevereiro de 2026).

Outros participantes relataram como a questão da acessibilidade foi importante para eles terem uma experiência positiva ao visitarem um museu: “Durante a visita ao Museu do Ipiranga pelas obras de artes de nosso país e a sua organização e **explicações acessíveis** (destaque nosso).”; e outro afirmou: “Van Gogh, uma **exposição interativa e imersiva** (destaque nosso). Uma experiência incrível.” É notório o interesse dos participantes da pesquisa em atividades imersivas e interativas ao realizarem visita às instituições museológicas. Outro participante também destacou a importância da interação física em visitas: “No aquário em Ubatuba/SP, uma exposição rica em detalhes dos seres marinhos. Onde tivemos **interação física** (destaque nosso) com ouriços, pepino do mar e lagostas. Foi uma experiência diferente e interessante pra mim.”

Outros participantes destacaram a importância que o investimento apresenta no desenvolvimento das instituições museológicas:

Sim, visita ao Museu do Louvre, Museu Ricardo Brennand e Centro de Cultura e Memória do TJ-AL. A estrutura, a beleza, grandiosidade de obras, como quadros e estátuas, além da **tecnologia de telões** (nosso destaque) para incrementar a visitas é surpreendente, a gente não vê em qualquer lugar. Percebe-se o **investimento** (nosso destaque) para que seja a melhor experiência possível.

(Relato de um dos participantes, coletado para esta pesquisa através de questionário aplicado em janeiro e fevereiro de 2026).

A questão da acessibilidade e da adaptabilidade das exposições também foi algo pontuado por um dos participantes. Tal destaque aponta como os visitantes buscam experiências únicas e especiais, tratando os museus não apenas como espaços de aprendizado e enriquecimento cultural, mas entretenimento também. Confere-se:

No último ano visitei o Museu do Amanhã, e acredito que foi umas das melhores experiências museológicas que tive nos últimos anos. A estrutura preparada para receber os visitantes é espetacular, sem contar a quantidade de **obras interativas com possibilidade de adequação e múltiplas experiências** (nosso destaque), tudo isso com calma, silêncio e respeito pelo ambiente.

(Relato de um dos participantes, coletado para esta pesquisa através de questionário aplicado em janeiro e fevereiro de 2026).

O estímulo sensorial e a exploração de como as exposições podem convidar os visitantes a transitarem pelo espaço do museu também foi um dos destaques de um dos relatos dos participantes:

Museu de mineiros e museu da estação de Minas Gerais - **Ótima experiência visual e sensorial de ambos** (nosso destaque). Artefatos diferentes, boa logística da exposição, **pontos interativos e dinâmicos** (nosso destaque). Boa organização de entrada, saída e auxílio ao visitante. Entrada gratuita em dias específicos.

(Relato de um dos participantes, coletado para esta pesquisa através de questionário aplicado em janeiro e fevereiro de 2026).

É importante também apontar que os participantes relataram suas experiências com outros museus, também exemplificando a relevância que a estrutura e a acessibilidade trazem para uma boa experiência ao visitarem um museu. Além disso, a interação é algo almejado pela maioria daqueles que deixaram seus relatos de experiência no questionário aplicado. Observa-se:

Instituto Ricardo Brennand, Recife Pernambuco - Melhor experiência em museu até hoje. Salas com diferentes tipos de exposições e áreas de arte (tapeçarias, louças e porcelanas, quadros e esculturas). O instituto conta com **diferentes ambientes de interação, visitas guiadas** (nosso destaque), jardins abertos para visitação e uma sala de armas com itens



impressionantes. Por ser um instituto maior, e uma experiência mais imersiva, tem alto valor nos ingressos, mas isso reflete no atendimento e assistência, **estrutura e acessibilidade** (nosso destaque) ao visitante.

(Relato de um dos participantes, coletado para esta pesquisa através de questionário aplicado em janeiro e fevereiro de 2026).

O último relato que foi destacado trata-se de uma experiência que, segundo o participante, foi tão marcante a ponto de o mesmo lembrar-se dela desde a infância. O participante explica como a questão da interação foi algo importante para que a visita fosse algo memorável para ele. Confere-se:

Lembro sim. Na época da escola, visitamos um museu em Recife voltado para a matéria de Ciências. Estudamos o sistema solar e tivemos algumas experiências como entrar no “Gerador de Van dee Graaff”, bicicleta que gera energia e deitar numa cama cheia de pregos e não se machucar. Tivemos essa **interação** (destaque nosso) e foi uma maneira super fácil e didática de aprender e interagir.

(Relato de um dos participantes, coletado para esta pesquisa através de questionário aplicado em janeiro e fevereiro de 2026).

Outros participantes relataram suas experiências negativas também, ao serem questionados sobre terem passado por alguma situação negativa ao visitarem museus. Um dos participantes destacou que: “Alguns museus já tive que sair rápido porque não havia **climatização adequada** (destaque nosso) no espaço, o que deixava o local abafado e não aproveitava bem a **experiência** (destaque nosso).” Pode-se observar que a estrutura é algo a ser considerada, principalmente ao se lidar com regiões como o litoral nordestino, com um clima quente bem definido, capaz de produzir altas temperaturas o ano inteiro.

É importante destacar que, segundo Sánchez (1999), na busca pela ampliação da capacidade de atração turística, se faz necessário investir nas estruturas, instituições e planejamento de fluxo a fim de melhor atender os visitantes.

Para Beni (2004), é a preocupação com as relações sensoriais e interpretativas com o objeto cultural que pode criar experiências significativas para os visitantes. Logo, é necessário pensar em atividades que contemplem a participação do público, e no entretenimento associado à atração turística. Tal pensamento pode ser observado nos exemplos apresentados anteriormente, nos quais os visitantes descrevem suas experiências com museus.

Rifkin (2001), por sua vez, defende que a apresentação de ideias, conceitos e imagens valem mais que bens materiais, definindo mudança estrutural nas dinâmicas econômicas contemporâneas. No entanto, pode-se considerar que a

busca dos visitantes ao visitarem os museus, como foi observado nas experiências relatadas, consiste na procura de experiências positivas e não necessariamente a aquisição de bens materiais. De acordo com o autor, as experiências memoráveis e emocionalmente significativas são o principal objetivo dos públicos na contemporaneidade.

Henriques (2004) também argumentou que é necessário existir uma adaptação na relação dos museus com o público, contemplando a arte e a informação, explorando-as e apresentando tal conteúdo proporcionando dinamismo e interação.

Outro participante também relatou sobre sua experiência negativa: “Sim. **Pouca assistência** (destaque nosso) ao visitante, informações de valores poucas claras nos sites de informações para quem visita, pouca estrutura e qualidade de peças e exposições baixa.” Observa-se como o fato de existir um site, um espaço virtual para complementar as informações do museu não significa que este está em harmonia com o espaço físico do mesmo, visto que a falha de comunicação foi proporcionada pela carência de informações disponíveis aos visitantes no espaço digital, o que dificultou que o participante fizesse a visita presencial.

No último bloco de perguntas do questionário, os participantes responderam questões acerca do conhecimento que possuíam, ou não, sobre a Pinacoteca Universitária da UFAL. Observa-se os resultados desta etapa do questionário a seguir.

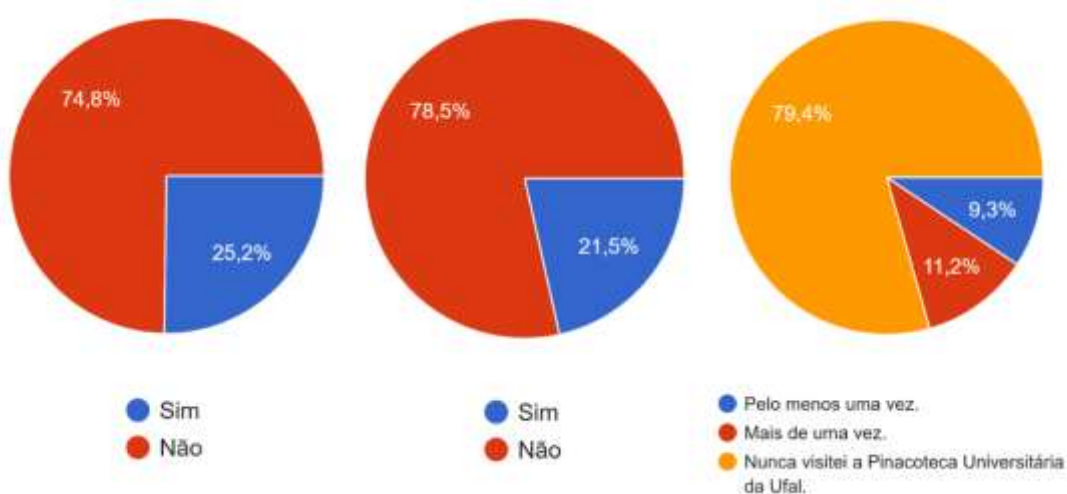
4.3. Conhecimento sobre a Pinacoteca Universitária da UFAL

Como é possível observar na figura 30, no primeiro gráfico (à esquerda), ao responderem se conhecem a Pinacoteca Universitária da UFAL, apenas 25,2% dos participantes confirmaram, enquanto que a maioria, 74,8%, assinalaram “não”. Depois, os participantes foram perguntados se já visitaram a Pinacoteca Universitária da UFAL (gráfico ao centro, Figura 30), 21,5% responderam que sim; e 78,5% que não. Tal dado nos traz a informação de que existem pessoas que conhecem a Pinacoteca Universitária da UFAL, mesmo sem terem chegado a visitá-la.

Ainda de acordo com os dados obtidos e apresentados na figura 30, no gráfico à direita, observa-se que 79,4% dos participantes reafirmaram jamais terem

visitado a Pinacoteca Universitária da UFAL; e, entre aqueles que visitaram a instituição, 11,2% afirmaram ter visitado o lugar mais de uma vez, enquanto que 9,3% assinalaram que a visitaram apenas uma vez. Tal informação acerca das visitas realizadas à Pinacoteca Universitária da UFAL entre os 107 participantes do questionário aponta um nível baixo de indivíduos que já a visitaram, sendo cerca de apenas 1/4 deles. No entanto, o mais preocupante é o fato da maioria dos participantes sequer conhecer a Pinacoteca Universitária da UFAL.

Figura 30 – Dados sobre o conhecimento prévio dos participantes sobre a Pinacoteca Universitária da UFAL.



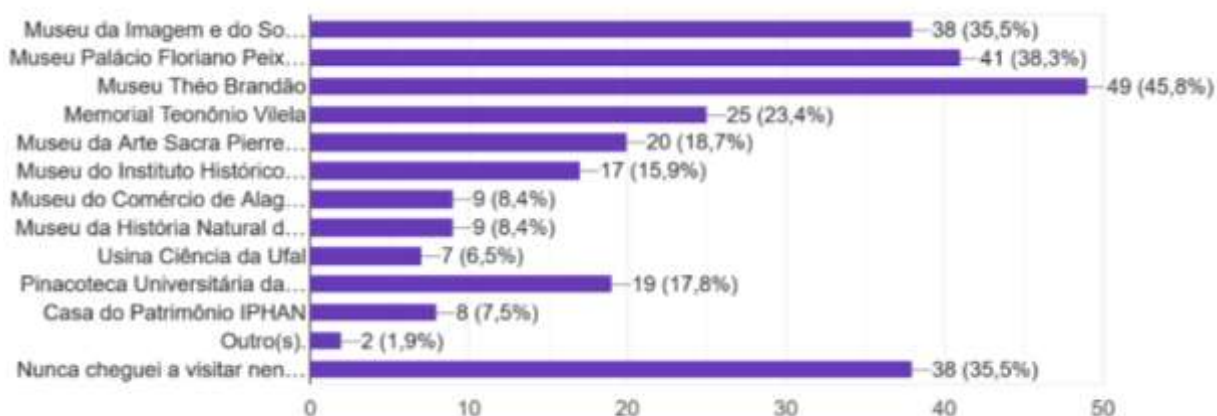
Fonte: Acervo próprio, 2026.

Por fim, chegou-se a questionar os participantes se conheciam algum dos museus citados da capital de Alagoas (Figura 31). Foram oferecidos os nomes destes museus, considerando, principalmente, a sua proximidade geográfica com a localização da Pinacoteca Universitária da UFAL.

A maioria dos participantes, 45,8%, afirmaram já ter visitado o (3) Museu Théo Brandão; 38,3% já visitaram o (2) Museu Palácio Floriano Peixoto; 35,5% afirmaram já terem visitado o (1) Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA); e 35,5% também afirmaram nunca terem visitado algum museu em Maceió, Alagoas; 23,4% afirmaram já terem visitado o (4) Memorial Teotônio Vilela; 18,7% visitaram o (5) Museu da Arte Sacra Pierre Chalita; 17,8% visitaram a (10) Pinacoteca Universitária da UFAL; 15,9% visitaram o (6) Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas; 8,4% visitaram o (7) Museu do Comércio de Alagoas; 8,4%

também afirmaram ter visitado o (8) Museu da História Natural da UFAL; 7,5% visitaram a (11) Casa do Patrimônio IPHAN; 6,5% visitaram a (9) Usina Ciência da UFAL; e 1,9% afirmaram ter visitado outros museus.

Figura 31 – Dados sobre os museus possivelmente visitados pelos 107 participantes do questionário aplicado.



Fonte: Acervo próprio, 2026.

A seguir, correlacionando a posição geográfica e o atendimento ao público, apresentou-se uma análise comparativa acerca da estrutura da Pinacoteca Universitária da UFAL e o Centro de Cultura e Memória, também localizado em Maceió, Alagoas.

4.4. A Pinacoteca e o Centro da Cultura e Memória

O Centro da Cultura e Memória do Poder Judiciário de Alagoas é responsável por disponibilizar as informações sobre personagens e seus respectivos atos envolvendo atividades forenses ao público visitante. O acervo conta com artefatos desde 1706, e oferece a oportunidade de acesso do cidadão aos dados históricos e documentação existente nos arquivos, assim como os artefatos antigos que foram utilizados pelo sistema de justiça desde o séc. XVII, e que auxiliaram na trajetória da justiça de Alagoas nos últimos três séculos.

De acordo com o conteúdo disponível no site do Centro da Cultura e Memória (2025), o papel da instituição é democratizar o acesso da sociedade aos episódios de memória vivenciados pelo povo alagoano, principalmente aqueles no âmbito

jurídico que compete à justiça, com enfoque nos fóruns de comarcas e no tribunal.

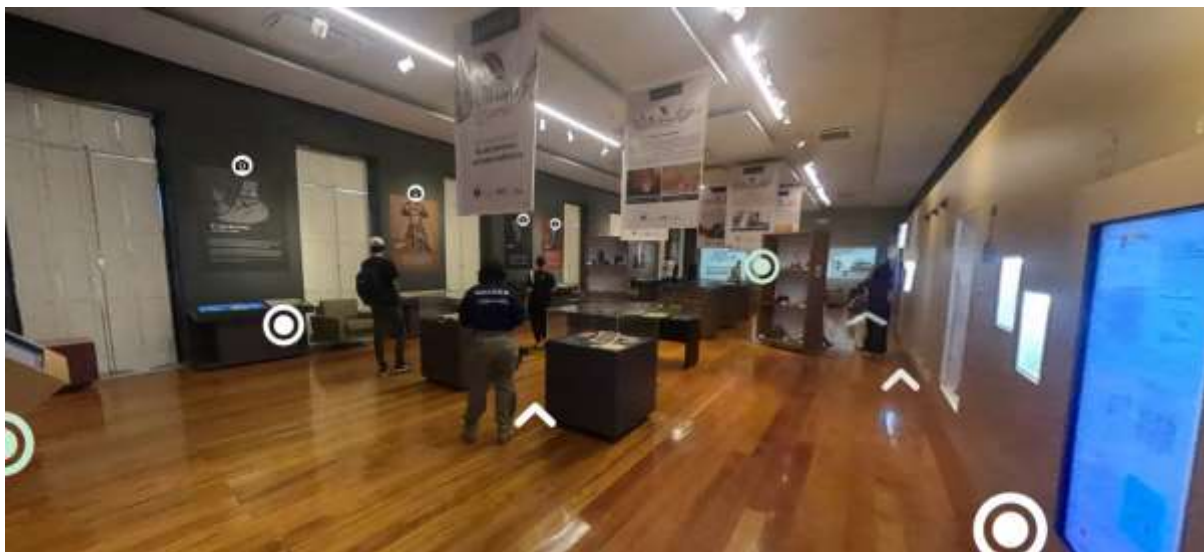
Ainda de acordo com o conteúdo disponível no site do Centro da Cultura e Memória (2025), em 2024 foi realizada mudança na estrutura da instituição, tornando-a acessível a diversos outros públicos. Após a reforma, os painéis de conteúdo histórico da Justiça alagoana apresentam os dados em braile, através de vídeos em Libras com legendas, além de tótems digitais com audiodescrição.

A inclusão do conteúdo em braile permitiu o acesso às informações para visitantes com deficiência visual, oferecendo autonomia; os vídeos com tradução em Libras e legendas também são capazes de ampliar o acesso às informações para visitantes surdos ou com deficiência auditiva; e os tótems com audiodescrição permitem que os visitantes com deficiência visual também possam aproveitar de uma experiência acessível e imersiva. Estas mudanças foram feitas a fim de valorizar o patrimônio histórico alagoano, reformando os princípios de cidadania e inclusão social.

Como é possível observar na figura 32, o Centro de Cultura e Memória disponibiliza um tour virtual que permite aos visitantes, mesmo que fora de Alagoas, conhecerem o espaço físico e o conteúdo do acervo da instituição. A coleção física e digital é renovada constantemente, de acordo com os documentos encontrados e adicionados ao acervo, considerados históricos e relevantes pela equipe de curadoria do Centro de Cultura e Memória.

Figura 32 – Imagem retirada da exposição de acesso virtual disponibilizada pelo próprio Centro de Cultura e Memória de Alagoas.





Fonte: Imagem disponível em <nzerovirtual.com/>. Acesso em 05 de abril de 2026.

Entre outros recursos tecnológicos, o Centro da Cultura e Memória também possui um assistente virtual que pode interagir com os visitantes através de comando de voz, transmitindo informações acerca do museu. Além disso, o Centro da Cultura e Memória também desenvolveu um aplicativo (Figura 33) que permite aos visitantes acessar informações adicionais sobre os temas expostos, complementando o conteúdo com material audiovisual e documental. O aplicativo também permite aos visitantes tirarem selfies com personagens históricos, além de possibilitá-los acessar a agenda do museu, o sistema de acessibilidade e um passeio virtual com visualização digital em 360°.

O aspecto da contribuição tecnológica em prol de boas experiências em visitas a museus já foi observado por Henriques (2004), visto que o próprio autor explica que os museus já estão presentes na internet, com sites institucionais surgindo em grande número a partir da década de 90.

No entanto, é importante conhecer como museus presentes digitalmente podem ser categorizados. E, neste âmbito da discussão, Cazaux (2019) apronta duas abordagens para categorizar os museus digitalmente: (1) museus virtuais exclusivos para o ambiente digital; e (2) museus que são versões digitalizadas de museus físicos, com imagens, vídeos e exposições on-line.

O Centro da Cultura e da Memória se encaixa melhor nesta segunda abordagem, sendo um espaço de museu que oferece tais recursos digitalmente.

Entre as categorias propostas por Cazaux (2019), o autor apresenta: (1) o **museu brochura**, com informações básicas na internet sobre o museu; (2) o **museu de conteúdo**, com informações mais aprofundadas; o (3) **museu de aprendizagem**, que é estruturado pedagogicamente; e (4) o **museu virtual propriamente dito**, aquele que apresenta integração do acervo e ampliação do acesso para visitantes que talvez nunca visitem o espaço físico. Pode-se considerar que o Centro da Cultura e da Memória está categorizado na última categoria, sendo um museu virtual propriamente dito. No caso da Pinacoteca Universitária da UFAL, a instituição ainda se encontra na primeira categoria, sendo sua atividade mais frequente nas redes sociais, o que é positivo considerando a interação com o público e a presença digital da instituição no universo digital; porém, com um museu digital brochura, com apenas informações básicas, dependente das redes sociais, a permanência digital da instituição é instável, principalmente se for considerado que as redes sociais são temporárias, podendo estas serem desatualizadas e esquecidas a qualquer momento.

Henriques (2004), por sua vez, defende que todo site institucional pode ser visto como um museu virtual, sendo um lugar de mediação cultural, também desenvolvendo ações no ambiente virtual, o que é o caso da Pinacoteca Universitária da UFAL, que utiliza das redes para mediar a realização de eventos e atividades pedagógicas e de extensão da instituição.

Ainda que alguns autores, como Cazaux (2019) e Henriques (2004) possam sugerir denominações de nomenclaturas distintas, Svilicic (2010) explica que não há uma abordagem conceitual padronizada, e que algumas categorias podem ser vistas, inclusive, como sinônimos. No entanto, é possível observar que a interação e a imersão da experiência do visitante, também usuário do espaço digital, é um aspecto constantemente presente nas discussões dos autores.

Aksoy (2020), o presidente do International Council of Museums (ICOM), chegou a afirmar que os espaços virtuais tornaram o conteúdo dos museus mais acessível, permitindo a criação de tours virtuais, por exemplo.

Cazaux (2019) concorda com Aksoy (2020) no que tange a importância da internet para a aproximação entre museus e a sociedade, favorecendo a busca prévia destes sujeitos para a realização de visitas presenciais futuras. No início do século XXI, Cazaux (2019) já defendia que era importante considerar a participação ativa dos visitantes nos museus, não apenas como expectadores do conteúdo

apresentado, mas como sujeitos passíveis de experiências significativas e emocionantes. O autor ainda destacou que os museus virtuais não deveriam ser vistos como substitutos dos físicos, mas sim como facilitadores da experiência dos visitantes, ampliando as possibilidades de imersão e interação entre ambos.

No espaço do Centro da Cultura e Memória do Tribunal de Justiça de Alagoas, há a sala dois, que compreende o conteúdo histórico acerca da Praça Deodoro e sobre os prédios históricos ao redor da mesma. Esta sala também é importante, pois dispõe de um sistema de visitação com auxílio de um VR (Figura 34), ou Realidade Virtual. Trata-se de uma tecnologia capaz de simular um ambiente totalmente digital, permitindo a imersão completa do usuário, gerada através de óculos especiais ou headsets. A Realidade Virtual (VR) é capaz de criar um ambiente virtual interativo e imersivo com a visão digital em 360° do ambiente reproduzido, assim como a reprodução de sons associados ao mesmo, como a voz de uma assistente virtual, ou áudios correspondentes ao conteúdo histórico do acervo, por exemplo.

Figura 33 – Aplicativo do Centro da Cultura e Memória do Tribunal de Justiça de Alagoas.



Fonte: Imagem disponível em <nzerovirtual.com/>. Acesso em 05 de abril de 2026.

Figura 34 – Fotografia apresentando como a Realidade Virtual, VR, é utilizada por headset em visitante no Centro da Cultura e Memória.



Fonte: Imagem disponível em <nzerovirtual.com/>.
Acesso em 05 de abril de 2026.

Em visita realizada em 10 de junho de 2025, foi possível observar a estrutura do Centro da Cultura e Memória presencialmente. Além da visita guiada por monitores do espaço, é notório o cuidado com as peças do acervo (Figura 35), protegidos em redomas de vidro, disponíveis ao olhar dos visitantes em altura acessível. O projeto lumínico do lugar também é voltado para valorizar as peças e informações expostas, além da climatização do lugar agregar conforto aos visitantes no calor da cidade de Maceió, de clima quente constante.

Figura 35 – Foto da visita técnica realizada pela autora ao Centro da Cultura e Memória, evidenciando a estrutura de exposição dos itens do acervo do espaço.



Fonte: Acervo próprio, 2026.

Em outro momento da visita técnica, foi possível observar como a estrutura dos totens digitais (Figura 36) é utilizada para complementar o discurso da monitora do espaço, apresentando o conteúdo do acervo. O material do totem possui suporte documental e audiovisual, oferecendo imagens, vídeos e áudios que podem complementar a informação textual apresentada, além da audiodescrição e conteúdo em Libras.

Figura 36 – Foto da visita técnica realizada pela autora ao Centro da Cultura e Memória, evidenciando a estrutura dos totens digitais.



Fonte: Acervo próprio, 2026.

A seguir, apresenta-se o quadro de análise comparativa de aspectos observados entre a Pinacoteca Universitária da UFAL e o Centro da Cultura e Memória, ambos localizados no bairro Centro, em Maceió, Alagoas (Quadro 2).

Quadro 2 – Análise comparativa entre a Pinacoteca Universitária da UFAL e o Centro da Cultura e Memória.

| Aspecto avaliado | Característica específica | Centro da Cultura e Memória | Pinacoteca |
|------------------------|--|-----------------------------|------------|
| | | Possui? Sim ou Não. | |
| Atendimento ao público | horário de atendimento ao público aos finais de semana | não | não |
| | mediação profissional e/ou treinada | sim | sim |
| | possibilidade de visitas de grupos | sim | sim |
| | mediação que oferece acessibilidade à pessoa com deficiência (PcD) | sim | não |
| Infraestrutura | acesso público | sim | sim |

| | | | |
|-----------------------|---|-----|-----|
| | acesso a banheiros | sim | sim |
| | acesso a bebedouros | não | não |
| | sinalização do espaço | sim | não |
| | oferecimento de acessibilidade arquitetônica à pessoa com deficiência (PcD) | sim | não |
| Interatividade | presença ativa em redes sociais | sim | sim |
| | exposições interativas com o público | sim | não |
| | emprego de recursos técnicos que possibilitam a interatividade do público com o acervo | sim | não |
| Acesso virtual | site próprio institucional | sim | sim |
| | acervo de exposições realizadas | não | não |
| | possibilidade de agendamento de visitas | sim | sim |

Fonte: Acervo próprio, 2026.

Através do quadro 2, pode-se conferir como a estrutura e os recursos tecnológicos ausentes na Pinacoteca Universitária da UFAL são um desfalque para o melhor atendimento aos visitantes, ainda que o sistema de funcionamento da mesma seja semelhante ao do Centro da Cultura e Memória.

A seguir, observa-se os dados obtidos através de entrevista com o diretor responsável pela Pinacoteca Universitária da UFAL, Victor Sarmento Souto.

4.5. Entrevista com o Diretor da Pinacoteca (2024-atual)

O diretor Victor Sarmento Souto assumiu a Pinacoteca Universitária da UFAL em 2024. Ele é Mestre em Design pelo Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (C.E.S.A.R), especialista em Gestão da Comunicação Organizacional Integrada, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), graduado em Comunicação

Social - Publicidade e Propaganda pelo Centro de Estudos Superiores de Maceió (Cesmac).

Ele atua profissionalmente nas áreas de Design de Serviços, Museologia, Design Gráfico, Criação Publicitária, Planejamento e Estratégias de Comunicação para Museus, Assessoria de Comunicação de Instituições Públicas e Redes Sociais.

Souto concedeu entrevista para esta pesquisa, considerando que a autora do presente processo de investigação é servidora também da Pinacoteca Universitária da UFAL e atua com o mesmo desde sua nomeação como diretor do setor. Neste aspecto, considera-se que existe algum nível de confiabilidade nas informações repassadas, tendo em vista que a rotina e a realidade do espaço sobre o qual foi questionado também faz parte do dia a dia da autora pesquisadora.

É pertinente destacar que, de acordo com Rifkin (2001), o desenvolvimento de um espaço de museu depende do que o autor chama de processos estruturados de planejamento interpretativo, o que permite com que a equipe responsável pelo museu transforma o mesmo em uma experiência significativa para os visitantes.

Segundo Goodey (2002) in Murta & Albano (2002), a abertura do museu não é garantia de que haja engajamento dos visitantes, sendo necessário planejar o uso social do espaço, assim como a comunicação dele com os visitantes. Ambos os autores citados concordam que a interpretação do museu é compreendida como a forma de tornar acessível o significado do mesmo enquanto bem cultural para os visitantes.

A primeira pergunta realizada ao diretor Souto foi a respeito das expectativas do mesmo para o futuro como atual gestor da Pinacoteca Universitária da UFAL. O diretor destacou a importância da retomada do espaço original da Pinacoteca Universitária da UFAL, considerando o espaço de mais de um salão para exposição, e destacou a relevância da instituição enquanto fomentadora da arte contemporânea e visual em Alagoas. Observa-se:

A expectativa do futuro é que ela (Pinacoteca) cresça cada vez mais como espaço físico, que ela consiga o próximo salão, e assim por diante, no futuro um espaço próprio, estamos fomentando a arte visual, a arte contemporânea que Alagoas está há muito tempo carente. Então, tem um objetivo de expansão territorial, como tem o objetivo da expansão da retomada da arte visual e da arte contemporânea.

(Relato de Victor Sarmiento Souto, coletado para esta pesquisa através de entrevista realizada em 23 de março de 2026).



O diretor também deu ênfase à carência de Alagoas em relação a espaços como o da Pinacoteca. Ao ser questionado sobre a importância da Pinacoteca Universitária para a sociedade, Souto destacou que ela é o único museu de arte contemporânea de Alagoas, enfatizando sua criação desde 1981 e a grande quantidade de artistas da arte visual e contemporânea que já passaram pelo espaço, com suas colaborações e exposições.

É importante pontuar que autores como Carvalho (2005) e Gazzóla (2009) defendem que a educação patrimonial é uma das formas mais eficazes para preservação de museus, buscando valorizá-los enquanto bem cultural da sociedade. Costa, Santos e Cutrim (2019) também possuem opinião similar e ainda apontam que a educação patrimonial de museus pode ser aplicada como indicativo para reconhecer bens patrimoniais e seus valores. Deste modo, a valorização da Pinacoteca Universitária da UFAL também pode funcionar como norteadora para avaliar seu reconhecimento enquanto bem patrimonial e a identificação de seus valores.

Acerca do processo educativo sobre a importância do patrimônio cultural, Horta (2017) defende que é necessário considerar as capacidades intelectuais dos visitantes para que possam adquirir habilidades de acordo com a experiência proposta, ou seja, é pertinente que a visita ao museu seja planejada de acordo com o público alvo de visitantes do museu, tendo em vista a frequência e as características demográficas dos sujeitos.

Caldeira (2008), in Campello & Caldeira (2008), e Goodey (2002), in Murta & Albano (2002), o processo do planejamento para melhorar a experiência dos visitantes ao museu aberto também precisa ser uma iniciativa multidisciplinar, ou seja, necessita partir de um grupo de áreas distintas do conhecimento, considerando não apenas o valor cultural de cada museu, mas também os aspectos sociais e comunicacionais deles.

O diretor também apontou como o tempo em que a Pinacoteca Universitária da UFAL passou fechada foi ruim para a sociedade de modo que não apenas os visitantes ficaram carentes de ter um espaço como o da instituição para conhecer mais sobre a arte visual e contemporânea, mas também os próprios artistas, principalmente os jovens, que deixaram de ter a instituição como lugar possível para realizarem suas exposições e intervenções artísticas.



A Pinacoteca, ela é o único Museu de Arte Contemporânea aqui de Alagoas. Ela tem uma história gigantesca, desde 81, tá muito tempo fechada, são quase... são mais de 7 anos fechada, e a sociedade tá carente, né? e tanto que a arte contemporânea, os artistas já perderam muito espaço aqui em Alagoas. Nós temos grandes artistas, então vai ser um ganho para a sociedade Alagoana, e ter esse espaço novamente ativo e funcionando, e recebendo artistas jovens, artistas consolidados... e que isso fomente cada vez mais a arte aqui em Alagoas, via Pinacoteca da UFAL.

(Relato de Victor Sarmiento Souto, coletado para esta pesquisa através de entrevista realizada em 23 de março de 2026).

A última pergunta feita ao diretor foi sobre quais os benefícios da reabertura da Pinacoteca para a UFAL, segundo o mesmo. Ao responder o questionamento, Souto aponta que o ganho da reabertura é importante tanto para a sociedade alagoana, de modo geral, como para os artistas. Porém, Souto também destaca como a situação dos museus universitários da UFAL é complicada em Alagoas, exemplificando a situação com o Museu Théo Brandão e o Museu de História Natural.

Para a UFAL é um ganho gigantesco! Tá reabrindo, porque a situação dos museus universitários da UFAL é muito difícil, até o Théo Brandão, Museu de História Natural... então, a Pinacoteca vai voltar com força total e é um ganho de imagem, também para extensão da universidade, então é de reforçar... esse espaço da arte e reforça que a universidade continua presente, porque aqui em Alagoas acontece um fenômeno que em poucos estados acontece. Que eu saiba, não há nenhum estado onde os maiores museus do estado são universitários; e museus da UFAL são assim, o cenário atual de museus em Alagoas é caótico, então a Pinacoteca traz junto o nome da UFAL para tentar levar novamente a gente ganhar espaço e mais visibilidade.

(Relato de Victor Sarmiento Souto, coletado para esta pesquisa através de entrevista realizada em 23 de março de 2026).

Souto também destacou a relevância do trabalho da UFAL em fomentar a educação em museus em Alagoas, sendo a instituição que, segundo ele, é responsável pelos maiores museus do estado. O diretor destaca como isso se trata de um fenômeno incomum e que Alagoas é um dos estados em que a universidade é a responsável administradora destes museus, como os citados pelo mesmo: Museu Théo Brandão, Museu de História Natural e a própria Pinacoteca Universitária da UFAL.

Figura 37 – Figura representando a Estrutura dos Pilares Estratégicos: Inovação, Superação de Limites e Contextualização



Fonte: Imagem gerada por Inteligência Artificial com base nos dados coletados da entrevista do Victor Sarmento, 2026.

Goodey (2002) in Murta & Albano (2002) defendem que quando não há parceria entre o poder público e as instituições responsáveis pelo patrimônio, este acaba se tornando um mero espetáculo cultural voltado para um mercado despreocupado com sua sustentabilidade.

Rifkin (2001) também aponta que o número de visitantes em um museu não depende exclusivamente do valor histórico ou artístico dele, mas também do papel da gestão do espaço de visitação, o que também contempla o planejamento urbano, a preocupação com a mobilidade dos visitantes, o controle de fluxos, a capacidade de carga, a hospitalidade da comunidade da região e a construção da imagem do museu no ambiente digital. Ou seja, para a Pinacoteca Universitária da UFAL funcionar devidamente é necessário que haja também a movimentação de outras esferas do poder público além da administração da instituição responsável por ela, que é a Universidade Federal de Alagoas.

Barretto (2008) explica que a busca por visitas a museus constitui frequentemente uma das primeiras atividades de interesse dos turistas interessados em conhecer mais da cultura da região. Pérez (2009) complementa tal lógica, explicando que o planejamento territorial também influencia nesta prática, visto que a interpretação do interesse do público alvo do museu permite que sejam definidas políticas públicas para o uso social do espaço.

Para Rodrigues (2001), espaços como a Pinacoteca Universitária da UFAL já deixaram de ser interpretadas exclusivamente como lugares para a exposição de objetos, são espaços que permitem a aprendizagem, o acesso ao entretenimento e à experiência cultural.

No caso da proposta da presente pesquisa em oferecer diagnóstico para criar uma plataforma digital interativa com os potenciais visitantes da Pinacoteca Universitária da UFAL, Henriques (2004) sugere que sejam mantidos objetivos semelhantes aos institucionais aplicados ao museu físico.

É pertinente observar que, além da administração das instituições museológicas, é importante considerar que os recursos para a manutenção e a implementação de um espaço adequado, acessível e com aspectos tecnológicos que promovem a imersão e a interação, também são necessários. É do interesse coletivo que instituições como a Pinacoteca Universitária da UFAL consiga funcionar da melhor forma possível, visto o impacto e relevância que seu acervo e exposições possuem como fonte de conhecimento e entretenimento para os visitantes e para a sociedade como um todo.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre as tecnologias digitais imersivas e a Pinacoteca Universitária da UFAL apontou como a presença de recursos e infraestrutura são fundamentais para que um espaço como a instituição universitária possa melhor atender ao público visitante.

Tecnologias digitais imersivas são capazes de fortalecer a função educativa e ampliar a visibilidade de um museu, como foi possível observar no caso da análise comparativa entre a Pinacoteca Universitária da UFAL e o Centro de Cultura e Memória do Tribunal de Justiça de Alagoas. Foi possível perceber como recursos tecnológicos podem auxiliar na imersão do visitante tanto de modo presencial, através da Realidade Virtual e de totens digitais; quanto através de uma visita remota, com a visão em 360º no tour virtual do mesmo museu, permitindo que indivíduos que sequer chegaram a visitar a cidade pudessem conhecer a estrutura do espaço físico, sua localização e parte do acervo disponível, apenas ao acessar o site do Centro de Cultura e Memória.

Recursos como os citados anteriormente são possíveis de fortalecer a função educativa e ampliar a visibilidade da Pinacoteca Universitária da UFAL, visto que o site da mesma funciona apenas como um registro informativo acerca do que é a Pinacoteca e do que se trata seu acervo.

Nas redes sociais, a instituição é mais ativa, mas a dependência de uma rede social não é o mais adequado para um museu institucional, considerando que redes sociais como Facebook, Instagram, entre outras, são instáveis e podem sofrer privações jurídicas, além do fato do acervo digital ser passível de desaparecer e a qualidade de armazenamento e apresentação do conteúdo ser menor do que aquela do arquivo original, considerando a velocidade com a qual as imagens e vídeos precisam ser carregadas para que os usuários destas redes possam trafegar em uma linha do tempo infinita.

Como sugestão diante do diagnóstico realizado, aponta-se que pode ser necessário e benéfico para a Pinacoteca Universitária da UFAL a digitalização do acervo de obras da mesma, assim como a conversão do conteúdo do mesmo em versões em audiodescrição e vídeos explicativos em Libras e com legendas. Se possível, é importante também que as informações dispostas nas exposições possam ser sinalizadas de forma adequada, assim como apresentar descrição em



braile. Estas alterações podem ser eficientes para melhorar a visibilidade e a acessibilidade da Pinacoteca Universitária da UFAL.

Entre os fatores que limitam a visibilidade do acervo e o engajamento com o público da Pinacoteca Universitária da UFAL, observaram-se: (1) o horário do atendimento ao público não disponível aos fins de semana; (2) mediação e recursos tecnológicos e/ou físicos que permitam a acessibilidade de todos os públicos; (3) o acesso facilitado do espaço através de sinalização de fácil acesso; (4) a realização de atividades em exposições que possam promover a interação com o público, ou considerar o aspecto da interatividade com o público um dos critérios para a escolha de novas exposições para a Pinacoteca; (5) digitalização de todo o acervo, melhorando assim o acesso do público ao conteúdo da Pinacoteca e também protegendo os dados das peças físicas, considerando que, ainda que haja manutenção e o cuidado dos servidores da Pinacoteca com estas, todas estão sujeitas aos efeitos do tempo e a possíveis acidentes; (6) também é imprescindível a melhora do conteúdo disponível no site oficial da Pinacoteca, disponibilizando informações sobre os acervos passados, dados do funcionamento, guia para visitas guiadas e programação cultural das exposições interativas.

É possível realizar a proposta do desenvolvimento de uma plataforma digital interativa considerando o que foi observado no tour virtual do Centro de Cultura e Memória do Tribunal de Justiça de Alagoas. Não se trata de uma estrutura complexa, mas sim de um acervo digital organizado, disponível em visualização com 360º e conteúdo interativo por vídeos e áudio descrição, além da disposição de informações externas ao museu, como a localização do mesmo e quais prédios históricos também estão integrados na mesma área, proporcionando assim uma rede de funcionamento e apoio que pode melhorar a visibilidade de todos. Com a presença digital nas redes sociais funcional, a Pinacoteca Universitária da UFAL também pode utilizar de um site com tour virtual como fonte de métricas pelo número de visitas e mapeamento do identificador de cada visitante, reconhecendo de quais regiões do país os usuários estão acessando o portal.

Finalmente, infelizmente não foi possível avaliar o impacto da proposta da plataforma digital, pois não foi possível desenvolver um protótipo virtual de acordo com os aspectos observados e apresentados anteriormente. No entanto, o diagnóstico torna possível a apresentação dos requisitos e parâmetros para que tal plataforma seja concebida, sendo uma das etapas de desenvolvimento metodológico



já realizada, pode facilitar a criação da proposta de plataforma apresentada nos objetivos desta pesquisa.

A presente pesquisa buscou investigar os aspectos e as nuances que cercam a realidade da Pinacoteca Universitária da UFAL, mas, sobretudo, tentar compreender como a interatividade e a imersão no mundo digital podem ser benéficos, funcionando como ferramenta de valorização e distribuição da cultura e dos saberes nos museus. No decorrer desta caminhada, observa-se como os recursos financeiros e a valorização da infraestrutura são importantes para a valorização não apenas do patrimônio cultural e intelectual presentes nos museus, mas também da memória da sociedade de modo geral, preservando o patrimônio e garantindo a qualidade da experiência de seus visitantes.

A Pinacoteca Universitária da UFAL existe desde 1981 e, desde então, passou por momentos diversos de adversidade. Enquanto autora e pesquisadora participante, servidora da mesma instituição, é possível afirmar o valor e o potencial tecnológico que o acervo da Pinacoteca permite explorar, visto a cronologia de suas diversas exposições de arte visual e contemporânea.

Tal conteúdo é do interesse não apenas da comunidade universitária, mas também da sociedade de modo geral, considerando a etnicidade e as manifestações artísticas de um povo que advém de uma região em que ainda não existe nenhum circuito de visita aos museus, ou programação oficial preparada para visitantes de modo que a rede hoteleira da cidade está focada no litoral e no entretenimento através de visitas a pontos de difusão do artesanato, mas não da memória e do patrimônio local.



REFERÊNCIAS

Aksoy, S. Museums will move on: message from ICOM President Suay Aksoy. ICOM, 2020. Disponível em: <icom.museum/en/news/museums-will-move-on-message-from-icom-president-suay-aksoy/>. Acesso em: 24 de março de 2026.

Andrade, A. R. de. Museus virtuais e jogos digitais. Revista História Hoje, v. 33, n. 1, p. 85-102, 2022. Disponível em: <rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/922>. Acesso em: 29 de junho de 2025.

Bardin, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

Bargmann Netto, L.S. Arte, cultura e informação: reflexões em torno de práticas institucionais contemporâneas. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências) — Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2023. Disponível em: <teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-29062023-110654/publico/LarissaSoutoBargmannNettoVC.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2025.

Barretto, M. Os museus e a autenticidade no turismo. Itinerarium, 1 (1), p. 42, 2008.

Beni, M. C. Turismo: da economia de serviços à economia da experiência. Turismo-Visão e Ação, 6 (3), p. 295-306, 2004.

Cadastro dos Museus Brasileiros. Disponível em: <cadastro.museus.gov.br/museus>. Acesso em 27 de maio de 2026.

Caldeira, P. da T. Museus. In: Campello, B. S; Caldeira, P. da T. Introdução às fontes de informação. Belo Horizonte: Autêntica Editora. p. 141-156, 2008.

Carvalho, J. L. de. Patrimônio cultural: teoria e legislação. São Paulo: Livraria e Editora Revista dos Tribunais, 2005.

Cazaux, D. et. al. Origen y desarrollo de los Museos Interactivos de Ciencia y Tecnología. Medellín: Instituto Tecnológico Metropolitano, p. 220, 2019.

Centro de Cultura e Memória, 2025. Disponível em: <nzerovirtual.com/post/apresenta>. Acesso em 05 de abril de 2026.

Conselho Internacional de Monumentos e Sítios Históricos – ICOMOS. Carta internacional sobre turismo cultural. 1999. Disponível em: <icomos.org/charters/tourism_sp.pdf>. Acesso em 24 de março de 2026.

Costa, A. C. M; Santos, M. A; Cutrim, R. A. M. **A educação para o patrimônio: reflexões acerca da importância da relação entre o patrimônio cultural e a educação**. Revista Espaço Acadêmico, n. 214, p. 90 -100, 2019.

Fernandes, N.M.P. Realidade Aumentada em Museus: Um estudo empírico sobre a perspectiva dos seus profissionais. [Dissertação]. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2023. Disponível em:

<ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/13647/1/9757_20987.pdf>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

Fonseca, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

Gazzóla, M. R. Patrimônio cultural e identidade. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 37, p. 125-136, 2009.

Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

Goodey, B. **Turismo cultural: novos viajantes, novas descobertas**. In S. M. Murta, & C. Albano (Eds.), **Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, p. 131-138, 2002.

Henriques, R. Museus virtuais e cibermuseus: a internet e os museus. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia de Portugal, 2004.

Horta, M. de L. P. Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

Hughes, K., & Moscardo, G. Connecting with new audiences: exploring the impact of mobile communication devices on the experiences of young adults in museums. *Visitor Studies*, 20 (1), p. 33-55, 2017.

Julião, L. Apontamentos sobre a história do Museu. In: Nascimento, S. S. (Coord.). Caderno de Diretrizes Museológicas I. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. p. 17-30.

Lisboa, J. Museus e sociedade digital: realidades e desafios em Portugal. *Revista Portuguesa de Comunicação*, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2019. Disponível em: <dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/26032>. Acesso em: 20 de maio de 2025.

Mathias, P. Arte contemporânea: do que se trata? Notas feitas através da leitura do livro *The Contingent Object of Contemporary Art*, de Martha Buskirk. *Visualidades*, v. 13, n. 2, 2015. Disponível em: <revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/34101>. Acesso em: 26 de junho de 2025.

Organização Mundial do Turismo – OMT. Introdução ao turismo. São Paulo: Roca, 2001.

Pérez, X. P. **Turismo cultural: uma visão antropológica**. Tenerife: Aca y Pasos, RTPC, 2009.

Plaza, B. Evaluating the influence of a large cultural artifact in the attraction of tourism: the Guggenheim Museum Bilbao case. *Urban Affairs Review*, 36 (2), p. 264-274, 2000.

Rifkin, J. A era do acesso. São Paulo: Makron Books, 2001.

Rodrigues, M. Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo. *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, p. 15-24, 2001.

Sánchez, F. Buscando um lugar ao sol para as cidades: o papel das atuais políticas de promoção urbana. *Revista Paranaense de Geografia*, 4. 1999. Disponível em: <agbcuritiba.hpg.ig.com.br/Revistas/Rpg3/4fernanda.htm>. Acesso em: 24 de março de 2026.

Silva, E; Esteves, E. As Ferramentas Digitais nos Museus. *Revista Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação*, n. E67, p. 221-234, 2024. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/servlet/>. Acesso em: 20 de maio de 2025.

Silva, T. Museus digitais, autonomia do visitante e práticas participativas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 27, n. 1, p. 85-102, 2024. Disponível em: <scielo.br/j/rbe/>. Acesso em: 26 de maio de 2025.

Simon, N. *The Participatory Museum*. Santa Cruz, CA: Museum 2.0, 2010.

Soares, N.T. V. P. et al. A era digital e os espaços culturais: A aplicabilidade dos recursos digitais na promoção e fortalecimento da comunicação em museus maranhenses. 2025. Disponível em: <tede2.ufma.br/jspui/bitstream/tede/6319/2/NATHALIA%20TUANNY%20VALL E%20PORTO%20SOARES.pdf>. Acesso em: 26 de maio de 2025.

Svilicic, N. Creation and Typology Definition of the Museum on the Internet. *Collegium antropologicum*, v. 34, n. 2, p. 587-94, 2010.

APÊNDICE

Apêndice 1 – Questionário “A educação museológica e a Pinacoteca Universitária da UFAL”, aplicado entre janeiro e fevereiro de 2026 em 107 participantes.

A educação museológica e a Pinacoteca Universitária da Ufal

Este questionário foi criado como um instrumento de pesquisa para o levantamento de dados sobre o interesse e consumo do público diverso, sem demografia específica, em educação museológica, especificamente considerando o caso da Pinacoteca Universitária da Ufal.

O questionário está dividido em 3 blocos:

- (1) **Identificação do público;**
- (2) **Consumo de conteúdo e visitas a museus;**
- (3) **Conhecimento sobre a Pinacoteca Universitária da Ufal.**

Não serão coletados nomes e/ou nenhuma informação específica que possa identificá-lo ao responder o questionário, de modo a preservar o anonimato dos participantes.

O tratamento das informações coletadas segue estritamente a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei nº 13.709/2018). Isso significa que os dados pessoais coletados serão utilizados apenas para os fins acima descritos, com acesso restrito e seguro, não sendo compartilhados com terceiros fora das finalidades legais e institucionais.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Qual a sua faixa etária? *

Marcar apenas uma oval.

- 18 a 25 anos
- 25 a 39 anos
- 40 a 59 anos
- Mais de 60 anos

2. Qual seu gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
- Masculino
- Prefiro não dizer
- Outro

3. Qual seu nível de escolaridade? *

Marcar apenas uma oval.

- Ensino fundamental completo
- Ensino médio completo
- Ensino superior completo
- Pós-graduação completa (especialização, mestrado e/ou doutorado)

4. A qual região do país você pertence? *

Marcar apenas uma oval.

- Norte
- Nordeste
- Centro-Oeste
- Sul
- Sudeste

5. Você é uma pessoa com deficiência (PcD)? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Consumo de conteúdo e visitas a museus

6. Em 2025, você visitou algum tipo de museu? *

Marcar apenas uma oval.

Sim, visitei pelo menos um.

Sim, visitei mais de um museu.

Não, não cheguei a visitar nenhum museu.

7. Com qual frequência você costuma visitar museus? *

Marcar apenas uma oval.

Sempre que posso.

Às vezes, nem sempre consigo.

Nunca cheguei a visitar um museu.

8. Qual tipo de conteúdo te interessa(rá) ver em museus? (pode marcar mais de uma opção) *

Marque todas que se aplicam.

- Conteúdo de Arte (Focados em expressões artísticas como pintura, escultura, fotografia e instalações.)
- Conteúdo de História (Exposição do passado de povos, regiões ou eventos específicos.)
- Conteúdo de Ciência e Tecnologia (Ensino e a divulgação científica, muitas vezes com exposições interativas.)
- Conteúdo de História Natural/Ciências Naturais (Dedicado à história da vida na Terra, como zoologia, botânica e geologia.)
- Conteúdo Antropológico/Etnográfico (Apresenta a diversidade cultural, social e biológica humana, com artefatos e tradições.)
- Conteúdo Biográficos (Focam na vida e obra de uma pessoa específica, como um artista ou figura histórica.)
- Conteúdo Temáticos (Especializados em um único tema, como futebol, língua portuguesa, música, etc.)
- Conteúdo Ecológico e Comunitário (Integrados ao território, valorizam a memória e o ambiente local, com forte participação da comunidade.)
- Conteúdo de Zoológicos, Aquários e Jardins Botânicos (Considerados "coleções vivas", são museus que expõem seres vivos e ecossistemas.)
- Conteúdo Virtual (Existentes inteiramente no ambiente digital, sem um espaço físico tradicional.)
- Conteúdo de Cidades (Focados na história e identidade de uma localidade específica.)
- Nenhum desses conteúdos me interessa.

9. Você lembra de alguma visita ao museu que foi uma boa experiência para você e/ou seus amigos/familiares? (Se puder, fale um pouco sobre essa experiência)

10. Você já passou por alguma experiência ruim ao visitar um museu? (Se sim, poderia falar sobre ela?)

Conhecimento sobre a Pinacoteca Universitária da Ufal

11. Você conhece a Pinacoteca Universitária da Ufal? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

12. Você já visitou a Pinacoteca Universitária da Ufal? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

13. Quantas vezes você chegou a visitar a Pinacoteca Universitária da Ufal? *

Marcar apenas uma oval.

Pelo menos uma vez.

Mais de uma vez.

Nunca visitei a Pinacoteca Universitária da Ufal.

14. Houve alguma exposição na Pinacoteca Universitária da Ufal que te chamou a atenção? (Poderia falar um pouco sobre essa experiência?)

15. Você conhece algum dos museus citados abaixo na capital de Alagoas? *

Marque todas que se aplicam.

- Museu da Imagem e do Som de Alagoas (MISA)
- Museu Palácio Floriano Peixoto
- Museu Théo Brandão
- Memorial Teonônio Vilela
- Museu da Arte Sacra Pierre Chalita
- Museu do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas
- Museu do Comércio de Alagoas
- Museu da História Natural da Ufal
- Usina Ciência da Ufal
- Pinacoteca Universitária da Ufal
- Casa do Patrimônio IPHAN
- Outro(s).
- Nunca cheguei a visitar nenhum museu em Maceió, Alagoas.

16. Qual outro museu você chegou a visitar em Maceió, Alagoas?

Agradecemos pela sua participação.

Caso queira, deixe seu e-mail abaixo para contato. Enviaremos a publicação do resultado deste pesquisa para os participantes que desejarem visualizá-la.

17. Meu e-mail é...
